

Capítulo 3:  
GRUPO TEMÁTICO E  
ENTREVISTAS

## Grupo Temático

Janete: 16.11.98, vamos dar início ao grupo temático, onde ouviremos pessoas envolvidas no Projeto de Preservação de Orquídeas do Parque Previdência em São Paulo. Solicito aos participantes que se apresentem.

Roland: Roland, sou morador de Carapicuíba, pertenço ao Clube das Orquídeas há um ano e meio, junto com a minha esposa Helena. Sou aposentado, e profissionalmente me formei em técnico químico.

Helena: Helena Coth Andrade, sou dona de casa, moro em Carapicuíba.

Olga: Olga Faria. Freqüento aqui há 11 anos, sou aposentada, cuido dos serviços da casa e das minhas orquídeas.

Janete: Em que bairro que a Sra. reside ?

Olga: Butantã, há 25 anos.

Jô: Sou Maria da Graça Lopes, mas todo mundo me conhece por Jô, é uma história de família. Moro na região do Previdência há 42 anos, vim para cá com um ano e meio, já revelei a idade. E eu freqüento aqui desde o tempo que aqui era uma mata fechada. No tempo de adolescente fizemos um boicote a uma construtora que queria fazer um conjunto habitacional. Estou vinculada às atividades do Parque há cinco anos, através do curso, com a Cecília e a Sumiko, duas pessoas maravilhosas. Sou formada em Língua e Literatura Inglesa, no momento estou mais pró lar, dou aulas particulares e mexo com orquídeas, acho que temos que fazer algo útil pela comunidade.

Nadir: Meu nome é Nadir Barros. eu moro no Bairro da Previdência desde março de 1955, eu sempre gostei muito de plantas e sempre mexi muito com elas, de quatro anos para cá, estou mais interessada nas orquídeas, eu sou dona de casa.

Júlia: Meu nome é Júlia Hogata, eu vim do interior do estado de São Paulo. Há aproximadamente vinte anos estou na capital. Já fui comerciária, mas no momento só cuido da casa, dos netos e das minhas orquídeas. Eu cuido de orquídeas desde 67, mas aprendi muita coisa fazendo curso. Antes era só a experiência própria, mas o curso que fiz aqui e vários orquidários que participei deram-me muita experiência.

Janete: Peço agora que vocês coloquem o que entendem por qualidade de vida.

Roland: Qualidade de vida para mim é a sensação que a gente tem de sentir cada vez melhor em termos de saúde, lazer e estar envolvido tanto com as plantas, culinária ou diversão, por mais simples que seja, mas dá uma melhoria sensível à saúde, é isto em resumo.

Helena: É o ar puro, é a natureza, alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, acho que só.

Mônica: (chegou após as apresentações). Sou Mônica, vim do interior, toda vida que eu me conheço por gente, eu sempre cultivei orquídeas, prá mim qualquer coisa que se trate da natureza é ótimo.

Helena: E o que é qualidade de vida para você?

Mônica: Qualidade de vida é uma higiene mental que eu acho que não tem dinheiro que pague.

Jô: Qualidade de vida seria para mim, eu digo seria, porque é praticamente um sonho, seria conviver, viver com meus filhos, meu marido, com os amigos, a família, com contato bem próximo ao verde, à natureza, onde a gente conseguisse ter ar puro que a gente precisa para sobreviver, água saudável, sem cloro, sem coliformes, nem nada. Segurança para poder andar nas ruas, andar de bicicleta, sem se preocupar com assalto, com violência, mesmo alimentação saudável, sem agrotóxico. Eu vejo também como qualidade de vida você poder se entregar para as pessoas espiritualmente. Ter contato gostoso, saudável, de amizade, como eu tenho aqui com

a dona Nadir, que eu estudava com a filha dela no primário e ginásio. E a gente sente muita falta, e eu vejo que meus filhos não tem esta qualidade de vida e reflete muito no social deles, você sabe, cada vez mais fechado em quatro paredes, no carro. Apesar do Pq. Previdência ser tão gostoso, próximo, o pessoal vem todo para cá nos finais de semana, fica superpovoado, então complica, você acaba se deparando com estas coisas. Então é por isto que eu falo é um sonho mesmo, como a música da Elis, “Casa no Campo”, amigos, livros e nada mais.

Nadir: Achei muito bonita a explicação que a Jô deu, acho que abrangeu tudo, né? Lembrando a minha vida, eu nasci em Itapevi, mas com vinte dias fui levada para Pirajuí, lá é que eu fui criada. Nós tínhamos fazenda e vida mais saudável do que a gente tem aqui. Embora eu morasse na cidade por causa da escola, sempre estava em contato com a fazenda, eu fui criada no leite de uma única vaca, porque a minha mãe não teve leite, ela teve problema de mastite e não pode me amamentar, amamentou meus irmãos que vieram depois, mas tinha uma vaca separada só para mim, eu até digo que fui criada por uma vaca. Mas a gente tinha uma vida muito boa, a gente corria, brincava, na chácara em que morávamos, próxima à cidade, tinha pomar, tinha horta, tinha árvores. Subíamos nas árvores, goiabeiras, de não sei quantos anos. Eram árvores enormes, gigantes mesmo, a gente subia, corria, vinha de um galho para outro. Eu com meus irmãos, quer dizer, foi uma coisa que meus filhos não tiveram e há muito eu sentia isto, sabe? E quando eles iam nas férias também, eles aproveitavam, não queriam vir embora.

Júlia: Prá dizer a verdade, em São Paulo não se pode dizer que tenha uma qualidade de vida. A gente fica preso em casa, com cadeado, portão trancado. Não tem mais aquela liberdade que a gente... quer dizer, eu tive no interior, mas mesmo assim, ainda tem muitas coisas boas para eu passar, por exemplo, para os meus netos. Eu tenho um neto com sete anos, um menino, a menina com quatro e um pequenininho com dois. Então nos finais de semana que eu posso eu levo eles para o sítio, eu ensino eles como plantar, como cuidar, como tratar dos animais, não maltratar, todas estas coisas que no futuro vai servir para eles, inclusive ensinar a plantar árvores. E outra coisa que eu ensino muito a eles é a parte da reciclagem, não deixo jogar, por exemplo, se está dentro do meu carro, eu não deixo jogar o lixo prá fora pela janela, eu já carrego um saco plástico, já ensino a colocar dentro. Por exemplo se sobra lixo em casa, já faço jogar certinho lá no lixinho.

Nós procuramos educar, mas é difícil, pode ser que na casa deles é uma coisa e na avó é outra. Porque eu sou uma avó muito...até exigente demais. Mas eu acho que é para o bem deles. Então todas as coisas que eu acho boas, que vão servir para o futuro eu passo para eles, e eles se divertem. Lá no sítio, por exemplo às vezes a gente faz uma festinha, então voa guardanapo, plástico. Aí eu e minha filha, falamos assim: “vamos lá no mato catar lixo “. Então saímos com eles, cada um com um saquinho na mão, meu marido faz uma vareta com preguinho na ponta e nós vamos catando o plástico, as latinhas, todo o lixo . Quando paramos separamos papel, latinhas de um lado, papel do outro e assim eu vou passando para os meus netos, espero que eles aprendam a lição e desenvolvam a sua consciência .Eu acho que o que é passado na infância deles, eles guardam, sempre fica alguma coisa.

Mônica: É igual a uma árvore. Você planta...

Júlia: Tudo o que eu acho legal passar para eles, estou passando agora. Podem até falar: “Ah, a vó é chata, é isto ou aquilo”, mas um dia vão lembrar destas coisas, o que é certo e errado de se fazer. Eu acho que vai sobrar alguma coisa.

Jô: Aqui, a gente aprende mais com a Cecilia, com cursos que a gente frequenta.

Roland: Por sinal, tem diversos cursos, em que a qualidade de vida é sempre melhorada, em função destas vivências, um exemplo é o curso de plantas medicinais, meio ambiente, reciclagem...

Janete: E vocês têm participado?

Jô: Sim

Janete: Fale um pouco para nós de suas reflexões.

Jô: O Curso do Fórum de Orquídeas, foi sobre alimentação natural. Foi um repensar do dia a dia na alimentação, eu acho importante, porque na correria do dia a dia a coisa mais

prática é comprar congelado, por no micro ondas, aí derrepente você percebe que está alimentando uma criança e você percebe também através de leitura, informações, eu gosto muito de ler, você percebe que está caminhando errado, na pressa você está perdendo o essencial da qualidade na alimentação e se você não tiver saúde, vai ser obrigado a gastar seu dinheiro, seu tempo, comprando remédios com uma química que faz mal. Aliás fiz esta reflexão não só nesta parte da alimentação, no Curso de Orquídeas você também começa questionar com as pessoas, porque você não tem mais orquídeas. Até comparamos a qualidade de vida nossa com a qualidade de vida da planta, ela sofre também, muito mais que nós, se eu vejo que planta tá com pó, poluição, eu vejo que estou respirando isto, será que eu não tenho direito a ter um ar mais puro? Por que a gente tem que respirar este ar tão sujo? Por que as coisas continuam acontecendo aqui em São Paulo sabendo que está errado, leva ao caos, não leva a lugar nenhum?

Este crescimento imobiliário que nós tivemos só privilegia alguns, não todos. Será que São Paulo precisa crescer desta maneira? deste jeito? Então eu vejo que não é só cuidar do corpo, às vezes a pessoa fala: “quem cuida de planta não tem nada o que fazer na vida”. Mas além de uma terapia também, ela leva à reflexão, se você para para pensar, é um todo, nós somos um elo numa grande corrente, não só São Paulo, as coisas estão todas interligadas e quanto mais se fala, parece que as coisas não andam e a gente aqui trabalha, todos nós, como a dona Júlia, trabalha com os netinhos dela, eu, com meus filhos, meu marido, cada um do seu jeito, mas dando a sua pequena contribuição, a gente tenta espalhar, fazer as coisas aparecerem aos poucos, mesmo que uma pessoa comece a refletir isto, qualidade de vida, a vida em São Paulo já é uma grande coisa, mesmo que for um só, como uma formiguinha.

Nadir: Igual a estória do passarinho. Foi apagar o fogo da floresta, você conhece?

Janete: Eu conheço esta estória, é bem explicativa.

Nadir: É, a sua parte você tem que melhorar.

Jô: Eu vejo também, por exemplo, em casos de favela, derrepente o pessoal fala: “Ah, como é que eles vão pensar, se não conseguem nem sobreviver?”. Também não concordo com esta desculpa, o ser humano é muito mais importante, inclusive havia um trabalho antigo de

reciclagem de lixo, havia o trabalho em uma comunidade, uma favela, mudou a prefeitura muda tudo, o trabalho terminou, as coisas acabam. E as pessoas ficam sem rumo e são pessoas simples, que tem vontade, que sabem não é porque são pobres, que não tem direito a nada. É uma conscientização coletiva, que eu vejo em todos os níveis, com a população mais pobre há muito desconhecimento e desrespeito aos seus direitos, que não tem nem casa para morar.

E não é por causa disto que a gente vai deixar as coisas acontecerem. Não é desculpa, é muita gente que tá precisando de educação. Eu tenho exemplo, a minha vizinha. A minha empregada acaba de varrer a minha porta, e a da vizinha de baixo, porque naturalmente o meu lixo desce. Lá uma meia hora a outra joga todo lixo de volta, falta noção de coletivo.

Nadir: E aquele vizinho que varre para jogar todo o lixo na sua porta?

Mônica: Ontem mesmo encostou uma carro último tipo com pessoas dentro, só tinha só uma criancinha de colo, recém nascida, o restante era adulto, parou bem na minha porta. Derrepente a avó, simplesmente abriu um pacote de bolacha, desembulhou e jogou tudo na minha calçada. Eu falei: “muito bonito o que a senhora está fazendo, viu? Pára na porta da casa dos outros para fazer uma coisa desta.”

Quando é criança, você chama a atenção, mas um adulto fazer isto é fim do mundo. Às vezes, eu estou em frente da minha casa, na minha rua é muito movimento, tem uns caras... na semana passada mesmo, o cara abaixou o vidro do carro, pegou seis latinhas e jogou no meio da rua, eu falei, ele deve ter escutado: “muito bonito, o senhor passa dos quintos dos infernos prá trazer lixo na frente da casa da gente”. Isto a gente vê freqüentemente, jogamos a culpa na criança, no favelado, não é isto, vem da família principalmente, gente que tem o carro do último tipo, não é favelado. O que ela fez e outros fazem a gente vê por aí, então o nosso Brasil está assim.

Nadir: Mônica, mas às vezes vem criança favelada na sua casa, ela vem com maior respeito e vem um ricoço que te derruba a casa.

Mônica: A gente só culpa a criança e favelado, não é?

Júlia: A minha sobrinha dá aula, ela é professora e diz que justamente a classe mais alta são os mais malcriados, respondões e os humildes mais educados, olha a diferença.

Monica: A educação é tremenda no pobre, toda educação deve começar dentro de casa.

Júlia: Tem umas exceções de pobres que são vândalos, mas os maiores vândalos são da classe alta. Mas sabe qual é o problema? Às vezes os pais nem têm culpa, sai mãe e pai prá trabalhar, a criança fica na mão de empregada o dia todo, e nem sempre elas chamam a atenção.

Nadir: As crianças não sabem muitas brincadeiras, os meninos não jogam bola, as meninas não brincam de amarelinha, não sabem.

Janete: Eu gostaria de aproveitar este momento, porque estamos falando em educação, não é isto? Vamos falar um pouco sobre a Educação Ambiental? O que é para vocês a Educação Ambiental?

Roland: Educação Ambiental eu acredito que é o nosso comportamento, em relação às outras pessoas e em relação ao meio ambiente, porque a gente gostaria que os outros não fizessem, a gente tem também que dar o bom exemplo. Vou citar na prática : a gente vai para a mata, e leva um saquinho, se faz um lanche põe tudo num saquinho. E recolhe todo o lixo, como não tem cesto de lixo na mata, lógico, nem lixeira, a gente trás o lixo para casa. Este é um pequeno exemplo e outra coisa, ensinar a não depredar seja o que for, principalmente plantas e árvores . Isto se chama educação do meio ambiente, fora o aprendizado que a gente tem que ter numa escola, alguém que nos dê bom exemplos. Aqui no Parque Previdência temos bons exemplos e ótimos cursos seja de plantas medicinais, alimentação e meio ambiente.

Helena: Respeitar a natureza, se tiver uma árvore na sua calçada, se tiver uma planta, trepadeira caindo, o pessoal arrebenta, então não estão preservando. Educação para respeitar, para gostar da natureza.



Mônica: Eu gosto muito do verde, gosto de mexer com plantas, fico indignada quando passam mães na rua que ensinam as crianças a irem lá pegar flor. No meu pé de árvore, já deu arnica, já deu espinafre, tudo que tem lá, vai crescendo, a turma vai lá e rouba. Tava com pé de arnica deste tamanho, assim, quando eu sai prá fora, cadê o pé de arnica? levaram com raiz e tudo. Se eu passar num jardim, jamais eu apanho um galho, eu fico indignada...

Jô: Infelizmente a gente tem um ranço que ficou desde o tempo dos militares, que ainda segue muito a nossa sociedade, uma coisa muito difícil de se tirar: a lei do mínimo esforço, a lei do você sabe que está falando, ou o quem indicou e a lei do Gerson, tirar vantagem em tudo. Infelizmente este tipo de coisa é difícil você mudar, o pessoal está há tanto tempo com isso, parece que entrou no sangue, por mais que você fale, às vezes você vê pessoas com discursos lindos, maravilhosos, derrepente fazendo totalmente o contrário. Também outro ranço: faça o que eu digo e não faça o que eu faço. Então eu vejo a Educação Ambiental aqui no Parque Previdência como um meio de estar sempre consciente, sempre trocando idéias, tentando fazer alguma coisa de útil e efetivamente de colocar em ação aquilo que a gente pensa, aquilo que a gente acredita. Aí você vai expor a orquídea, vem lá e derrubam”. Falei: “mas não tem importância, importante é aquilo que eu acredito, são os valores”. Eu acho que a educação tem que começar em parte nas escolas, com um trabalho maciço com todos os anos, começar desde o prezinho, 1.º, 2.º grau e na faculdade, a gente acha que o pessoal tem nível melhor, um pessoal mais consciente e são os piores, às vezes. Eu vejo aqui na USP, o lixão que é esta cidade universitária, e você se pergunta, pessoas estão lá, que profissionais que vão sair desta universidade, que é a melhor do estado de São Paulo?

Você pressupõe que são pessoas que têm cultura, nível social, mas não tem, é a lei do mínimo esforço, eles fazem o que bem entendem, tem que começar dos pequenos, os pequenos vão cobrar dos pais atitudes dentro de casa e isto daí vai espalhando, irradiando em todos os níveis, escola estadual, escola particular, e é algo que o governo tem que levar a sério. Nós estamos com problema de água em São Paulo, o governo está esperando o quê para fazer campanha de economia de água? Tem que mostrar no horário, aproveita o horário da novela das oito, os intervalos, se passar isto todo dia, a coisa melhora pois nada como meio de comunicação de televisão e novela. É assim que eu vejo a Educação Ambiental. O Parque faz a parte dele, o pessoal daqui trabalha maravilhosamente, mas são super restringidos, até quanto a verba. Elas

batalham mas precisaria de uma divulgação melhor. Às vezes a própria Prefeitura não facilita a divulgação quando tem exposição de orquídeas aqui, a prefeitura não deixa por faixas e vem um cara do quem indicou mais alto da prefeitura e fala: “não pode por faixa aqui”. E você vai lá no Parque Ibirapuera e tem faixas. Porque esta discriminação dentro da própria prefeitura? Então o pessoal batalha aqui, mas quem leva os louros da vitória é quem está dentro dos escritórios. Mas elas é que merecem, elas batalham, nós ajudamos na medida do possível, só. Isto me deixa revoltada, porque eles só falam e pouco agem. Também o caso da AIDS em São Paulo, por que se tem dinheiro para outras coisas, para campanha política, por que não se tem verba para a Saúde, para a Educação? A Educação Ambiental é um todo, tem que começar de pequeno e sempre, é uma coisa contínua, não dá para parar uma semana ou duas.

Nadir: Eu tenho oito netos e quando eles eram pequenos, que eles iam em casa visitar, às vezes iam sozinhos e pegavam uma planta que não era para mexer. Uma vez as duas meninas se enfiaram debaixo da cama e morreram de rir: “Ah, a vovó disse que naquela planta não era para mexer”. E tem plantas já grandes que eles plantaram. Outro dia foi lá em casa uma sobrinha, o filhinho dela tem quatro anos, então dizem que cada casa que ele vai tem uma coisa que marca. Eu perguntei: “o que você notou na minha casa que te marcou?” ele respondeu: “as plantas”. Eu lembrei também agora, que eu estava há uns anos atrás em frente a minha casa, tinha dois meninos grandes já, com catorze anos mais ou menos, com pedras na mão. Então eu perguntei: “o que tá acontecendo?” Ele disse: “eu fui apanhar abacate daquela árvore ali”. O local é naquela esquina, aquela árvore enorme que dava muito abacate, mas quem aproveitava era quem passava de caminhão. Então ele diz que foi apanhar abacate com pedras, a árvore era muito alta e saiu de lá de dentro uma empregada com um facão. Ele ficou assustado e correu, ficou observando assim à distância. Eu falei assim: “onde você mora?” “Ah, eu moro ali na outra rua”. “E por que você não planta um abacateiro na sua rua?” Ele ficou tão sem jeito, foi embora. Não sei se plantou, mas naquele pedaço apareceram três abacateiros, não sei quem é o menino, não sei se ainda ele mora por ali, mas naquele pedaço tem três abacateiros.

Júlia: Eu acho que, por exemplo, a gente tem que trabalhar cada vez mais para melhoria de vida e se sentir cada vez melhor, senão daqui a pouco vai estar um caos. Aliás, já está. Tem um exemplo, posso contar uma estória?

Janete:           Pode

Júlia:            Uma estória verdadeira, há dezessete anos que a gente entrou em nosso sítio, não tinha nada, não tinha casa, e na vizinhança tinha uma velhinha cheia de reumatismo, de doença, sei lá, lavava roupa no rio, de cócoras, imaginem. Não tinha poço, não tinha banheiro, a mesma água que eles lavavam a roupa, tiravam para tomar, prá cozinhar, prá tudo. Depois que a fomos para lá, contratamos pessoal para abrir um poço prá gente, aí eles abriram também, e tudo o que a gente foi fazendo fomos ajudando eles a fazerem, meu marido dando uma mão, ensinado como abre um poço, como põe uma torneira, uma bomba. E devagarinho eles foram acompanhando e hoje eles tem poço, tem vaso sanitário, tem bomba no poço, tem até torneira com água encanada dentro de casa. Eles moravam assim, sabe aquelas casinhas de taipa, de madeirinha e galho de árvore, de barro com palha e chão batido? Hoje eles tem casinha de bloco, tem poço, tem até vaso sanitário dentro de casa, chuveiro. Então, quer dizer, acho que melhorou bem a qualidade de vida deles e devagarinho a gente foi passando nossas informações. Estes dias mesmo já faz mais ou menos dois meses tem uma senhora que é vizinha minha lá e ela ia no médico toda semana e vinha com aquele montão de remédio, tomava, não melhorava, dava dez passos, quase desmaiava. Aí como eu tinha aprendido sobre ervas medicinais eu propus prá ela: “olha, eu vou comprar mel que não é barato, eu tenho babosa na minha casa e se eu fizer um remédio, você toma? não vai jogar fora?” ela prometeu que tomaria este remédio. Aí eu fiz, dei o remédio para ela. Acredita que depois de uma semana esta mulher ficou corada, trabalhando e melhorou? E o médico não descobriu o que ela tinha, falou que era anemia, era não sei o que e não descobriram o que ela tinha e era pálida, andava daqui até lá e ficava ofegante e com esta dose de babosa ela está vermelha, assim igual a Cecília.

O que eu acho importante é passar todas as coisas boas para o pessoal que não tem condições de ter uma vida melhor, umas coisinhas que não sai caro prá ninguém e eles vão aprender também, como as receitas de ervas medicinais, o que eu puder fazer prá poder ajudar um pouquinho ali, um pouquinho aqui, e o muito que a gente aprende com a Cecília. Inclusive eu tenho uma vizinha que ela tem um sítio também, no sul de Minas, lá tem muitas orquídeas, então a madeira, quando a árvore morre cai um monte de orquídeas e ela deixava no chão, não ligava prá nada, depois que eu comecei a ensinar, falar: “olha, tudo o que você achar diferente, estiver

colado no pau, é orquídea, então você tira da madeira que caiu, você trás prá perto de sua casa e prega na árvore, inclusive tudo o que ela acha , ela me traz a metade....

Júlia: Hoje ela fala para o caseiro dela que quando cair alguma árvore, procurar ver se tem alguma coisa grudada.

Nadir: Você estava falando da babosa...segundo aquele frei que divulgou o uso da babosa como remédio, ele disse que a babosa contém dezoito aminoácidos, dos vinte e dois que nosso organismo precisa, por isto que quando a pessoa toma ela melhora bastante.

Júlia: Poderia até ser intoxicação de remédios, derrepente ...

Nadir: Mas, ele disse que a pessoa mesmo que não esteja doente e tenha condições, pelo menos uma vez por ano deve tomar este remédio da babosa.

Júlia: Esta receita da babosa eu tirei de uma revista de ervas medicinais, porque o curso que eu fiz lá na Água Branca não deram esta receita. Como eu gosto de revistas assim, eu coleciono “Natureza” , “Jardim”, “Orquídeas” e de ervas medicinais, eu vi esta receita e uma amiga minha disse que era muito bom.

Janete: Eu não falei, Cecília, que eu ia aprender muito? Vamos passar, se bem que a Júlia já está até um pouco dentro da pergunta, respondendo com exemplos. Que mudanças na vida de vocês trouxeram estes programas que vocês participam aqui?

Roland: É difícil exemplificar... vou traduzir em palavras, bem simples, a gente vai mudando a maneira de se comportar no meio das outras pessoas devido as lições do meio ambiente, a gente vai mudando devagarinho, o que a gente fazia naturalmente, jogar o lixo, um exemplo, mesmo destruir plantas e ervas que são plantas medicinais.

Helena: Agora deu branco.

Mônica: Eu acho que estas aulas que nós estamos tendo aqui, eu acho que só teve progresso, observação do meio ambiente, as amizades, o modo da gente viver, eu só tenho a agradecer todos por isto, ajudou-nos até a mudar nossas idéias.

Janete: Em que sentido, como que foi, ou se a senhora quiser dar um exemplo.

Mônica: O exemplo é que às vezes vemos certas coisas que revolta muito e com estas aulas todas, aprendemos a ter um pouco mais de tolerância com certas coisas, principalmente às vezes a gente vê judiar de uma planta, jogar lixo na rua, e ofendemos, em vez de ensinar e eu acho que isto serviu muito para a gente. Eu acho que aprendemos muito, é muito interessante, espero que continue cada vez mais, cada aula que temos percebemos que ainda tem muita coisa para aprender.

Jô: Eu acho uma coisa boa. Este curso de Educação Ambiental tem este clima, estas brincadeiras entre as pessoas, voltando um pouco para o curso, mudou muita coisa assim... em termos de plantas eu não era muito ligada. Sempre achei bonito, mas não tinha identificação, proximidade. No entanto, quando minha avó faleceu, deixou as plantinhas dela. E entre elas um vaso de orquídea, sempre chamava a atenção, aí eu vi aquele vaso definhando e você fica com saudade, ela cuidava... Parece que as coisas acontecem de uma maneira tão sutil, aquele plano lá encima que as coisas vão se encaixando quando você menos espera. Aí o curso apareceu, ouvi no rádio por acaso, aí uma coisa que chamou a atenção que era gratuito, que era perto, derrepente eu comecei a encarar a flor, aquela flor de outra forma, sabia que era orquídea, aquele vínculo de carinho, de vontade de cuidar de outra maneira, ver que este cuidado com a orquídea ia me levar para outras áreas também e poder ter contato com outras pessoas, por exemplo o professor, uma pessoa fantástica, com conhecimentos, toda aquela idade e aquela sabedoria de avô. Pessoa que você pode conversar, ele passa aquela sabedoria, e outras pessoas como a Cecília, a Rosa, a dona Júlia, que eu fui encontrar em outro curso.

Então isto eu acho que é um crescimento, o interior da gente, como a dona Mônica falou, a gente começa a conviver com as pessoas, você sai daquela rotina: casa, comida, filhos, marido, você sai de quatro paredes, você amplia o seu horizonte, você deixa de ser uma pessoa acomodada e você se recicla também, começa a ler. Acho que a melhor coisa é se reciclar, não

parar no tempo e no espaço. Uma experiência recente que nós fizemos foi uma oficina sobre Educação Ambiental, o que demonstrou que realmente temos que fazer um trabalho de base com as crianças, adulto já vem com a cabeça feita, não tem paciência, quer, mas a pressão da vida acaba sufocando isto tudo. Então com criança, elas tem aquele entusiasmo, aquela energia, a vida ali, tem que se orientar as crianças para elas comecem a ver as coisas com outros olhos, o que eu posso fazer, devagarinho, aquela coisinha que a gente deixar prá eles e saber que tem frutos por aí. Que fique uma coisinha, não só com a planta, mas com a melhoria da qualidade de vida deles mesmo, para o futuro deles, é muito bom, Aquela hora que os meus filhos chegam em casa para o almoço a gente se diverte muito e nesta o meu marido também entrou, foi muito bom também, ele veio, ele gosta de foto, é um motivo para a gente estar junto, as crianças gostam de planta, minha filha gosta das cactáceas, das suculentas. Daniel já vai com os livros, ele vai comigo e agora já não é só eu e meu marido, cada um tem seu gosto, tem que ter empatia, dentro daquilo que te agrada, que te fala ao coração, é muito bom.

Nadir: A última vez que eu estive numa exposição do verde, tinha uma madame fazendo compras e ela me disse: “mas a senhora sabe tanto nome de planta...” É que ela só comprava. Porque eu leio muito, faço cursos, eu me dedico a isto porque eu gosto, me interesso. E depois que ela foi embora, eu fiquei conversando com o coordenador do evento e no fim eu falei: “pois é, é um hobby, “é mais que isto” disse-me ele, “cultura também?” “Deixa de ser hobby para ser cultura”. Então eu fiquei pensando naquela dona que escolheu uma porção de plantas, levaram para o carro dela, ela estava comprando pelas cores, porque tinha dinheiro prá gastar, mas não estava nem aí, acho que quando a planta acaba a flor, sei lá o que ela faz com ela.

Júlia: A maioria das pessoas compram orquídeas porque é bonita na hora, depois não tem aquela paciência de cuidar dela, com carinho até o ano que vem... abandona.

Nadir: Inclusive as flores sentem se você gosta delas.

Júlia: Eu converso com as plantas, às vezes eu volto de uma viagem, eu digo: “ah, amorzinho, você está com sede, né?”

Jô: A única coisa que não somos muito ecológicos é na hora de matar os bichos.

Monica: A gente tenta matar da maneira mais orgânica possível. Então o senhor. Raul falou: “eu estou prá te ligar e não te liguei, vou te levar uma muda de orquídea” “Não igual aquela que o senhor me deu na aula, toda seca, né? Ele falou assim: “mas eu vou te levar”. Respondi “Então venha que eu quero mostrar para o senhor aquele bulbo que diz que não pega. Agora, como ele formou raiz eu não sei”. E isto, desde que me conheço por gente, tinha um local que dava para nosso sítio, lá era um lugar de muitas orquídeas. O primeiro curso que eu fiz com o Sr. Vilani, ele viu um pedacinho de uma muda de orquídea, ele disse: “ah, joga fora” eu disse: “Não joga não, senhor Vilani, dá prá mim” E ela está com dez cachos e começando a sair os cachos para abrir este ano.

São estas pequenas coisas que eu... Não é dizer que eu sei mais que os outros, não é... eu faço experiências.

Janete: Júlia, você quer completar a sua fala sobre mudanças, ou você acha que já está respondido?

Júlia: Eu acho que já completei tudo. Eu acho que os cursos que eu fiz com a Cecília abriram mais a minha cabeça. Eu conquistei mais amizade. Eu era de fora, era muito preocupada com casa, limpeza, hoje em dia não, eu cuido mais de mim, dou mais valor a mim mesma, e conquistei mais amizade.

Janete: Alguém quer acrescentar alguma coisa sobre as mudanças ?

Mônica: Deixa eu acrescentar um negocinho, o meu marido é muito bom, não precisa marido melhor, mas ele nunca foi um homem de dizer assim: “vou jogar água na planta”. Eu tinha horta, e era eu mesma que fazia, que eu toda vida eu gostei destas coisas, depois que eu fiquei internada, o ano passado ele mudou do dia prá noite, ela joga água, se às vezes eu estou mais atarefada, ele vai comigo... ele mesmo se oferece prá ir buscar no Ceasa, ir buscar as coisas . Mudou...

Janete: Já foi uma mudança na família.

Jô: Sobre falar em marido também... eu moro em um apartamento, é mais complicado ainda, o pessoal acha que não dá para cultivar plantas, tem aquela idéia que não dá, mas eu crio as minhas plantas em apartamento. Eu tenho muita luminosidade, então eu estou com orquídeas lá. É interessante porque o meu marido adora tirar pó, mas ele fala : “esta precisa por água” e ele não põe e não sei o porque.

Júlia: A gente se envolve tanto assim com o orquidário, olha, onde você viaja, às vezes eu ligava do Japão, cada cidade que eu passava, ia para o hotel, de lá telefonava, a primeira coisa: e aí, gente, já regaram minhas plantas? “A primeira coisa que eu perguntava. Meu marido: “oh, você nem pergunta como sua filha está”

Jô: Meus filhos tiveram uma excursão com a escola, viagem para o pantanal, então fora as recomendações para tomar cuidado com o jacaré, alertei para as orquídeas. E aqui tem pessoas que vem de fora, vem pessoas com problemas de saúde até sério e o curso dá uma motivação que as pessoas só deixam de vir quando existe problema de locomoção ou elas não estão bem. Tinha dona Odete, você vê, com problema sério de coração, tinha ficado viúva, e aquilo dava uma motivação para ela , ela ficava dependendo de alguém que pudesse trazê-la ao curso. A dona Zélia também, que passou por sério problema de saúde, ela está sempre aqui conosco. A dona Monica que passou um susto na gente o ano passado, ela esteve vinte e dois dias internada em UTI...

Janete para dona Helena: A senhora. quer acrescentar alguma coisa ou acha que já está contemplada ?

Helena: Não vou acrescentar nada mais.

Janete: Obrigada pela participação.



## Entrevistas

### Entrevista com Cecília

Janete: Cecília, o seu nome completo?

Cecília: Maria Cecília Borges Saraiva, estou com 48 anos de idade, eu fiz Serviço Social. Fiz a Faculdade de Serviço Social em Santos e não tenho outros cursos de pós graduação. Mas tenho alguns de especialidade na minha antiga área, relativa a saúde. Eu estou com 25 anos de formada.

Com a chegada maciça do pessoal da Saúde para a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente foram propiciados treinamentos para identificar a nova Secretaria e também cursos. Neste momento pudemos contar com a liberação do horário de trabalho para realizar estes cursos de capacitação. Eu fiz curso de ervas medicinais, fiz um seminário que terminou agora, interessantíssimo sobre áreas urbanas, questões ambientais, dentro então da própria Secretaria.

Eu estou lotada na Secretaria do Verde e do Meio Ambiente que pertence à Prefeitura Municipal de São Paulo, no Dept.º de Planejamento desta Secretaria, na Divisão de Educação Ambiental – DEA e a minha unidade é o Centro de Educação Ambiental (CEA) do Parque Previdência, situada no bairro do Butantã, bem próximo à Via Raposo Tavares, mais precisamente no Km 11,5 da Raposo Tavares. O Butantã tem o privilégio de ter algumas áreas verdes, incluindo o Parque Previdência e outros parques até próximos, se a gente contar também a Cidade Universitária. E é privilegiado também porque possui um CEA como este aqui.

Então, as pessoas que aqui vem, que conhecem o nosso trabalho, nos dão retorno da importância destes nossos projetos para a área.

Eu estou no cargo de Assistente Social. Aqui na Secretaria do Verde eu estou há dois anos, trabalhando diretamente em Educação Ambiental.

Em época anteriores eu tinha experiência com hortas, até cursos e um grupo de cultivo de orquídeas, mas meu enfoque naquela ocasião era diferente porque eu trabalhava com uma população alvo também diferenciada, pacientes psiquiátricos e deficientes mentais.

Janete: Quais são os Programas de Educação Ambiental ?

Cecília: A Secretaria do Verde e Meio Ambiente foi criada na gestão do Prefeito Paulo Maluf, em decorrência da necessidade de avaliação e de priorizar interferências na questão ambiental e também para cumprir determinações de pressão internacional de outros parceiros econômicos, etc..., porque tínhamos saído da RIO/92 e de outros movimentos no Brasil, de defesa, como o S.O.S. Mata Atlântica, o qual tem grande importância, as discussões sobre as alternativas para o Rio Tietê. Esta Secretaria foi criada em função destas questões. Eu, ao invés de citar os programas da Secretaria vou realmente me deter nos projetos do CEA Pq. Previdência. Eu acredito que pela Secretaria como um todo, outras pessoas da Unidade Paulista estão mais habilitadas. O CEA está dentro do Pq. Previdência que é um parque municipal com algumas condições privilegiadas em termos de sua localização, em termos de sua administração, uma administradora que vai de encontro aos projetos que o CEA desenvolve. É bom ressaltar que aqui estão praticamente dois departamentos da Secretaria: Dept.º de Parques e Áreas Verdes, do qual a administração faz parte e o Dept.º de Planejamento de Educação Ambiental.

É importante que haja entrosamento entre esses dois setores e a gente tem a chance e a possibilidade de estar no parque onde a administradora tem facilidade de adesão aos nossos projetos, abertura à comunidade, e tudo mais.

Em se falando de projetos nós temos algumas áreas bastante importantes, primeiro lembrar que a gente quer que este Centro, este espaço, seja um local de reflexão, de mobilização da comunidade, de vários segmentos dos estudantes, de multiplicadores. Então que venham professores, educadores num sentido bem amplo, que venham atendentes de creche, pessoas da 3.º Idade e que participem e assumam este espaço da comunidade, para refletir, para avaliar e até para buscar subsídios para interferências que se façam necessárias no entorno do parque. Então, como é que isto se dá? Para atingir esta comunidade, a gente procura saber quem é esta comunidade, quem é que está nas nossas proximidades, quais são os parceiros que nós podemos contar.

O Parque em princípio é procurado muito por escolas que vinham pelo lazer, área de recreação, porque é um lugar seguro, um parque em condições, tem pessoal sempre tomando conta, etc... Em função disto nós temos também, há coisa de dois anos mais ou menos, o Museu de Meio Ambiente, em espaço reservado, com uma exposição permanente e também com

exposições transitórias, sobre assuntos diversos na área ambiental, onde temas de maior atualidade estão sempre vindo a tona, sempre sendo apresentados, e uma exposição permanente com fauna, flora, dentro do parque e no seu entorno. Apresenta-se a história do bairro, a história da formação do museu. Com a abertura do museu intensificaram-se as visitas de escolas e para nossa surpresa também, estão cada vez mais vindo crianças muito pequenas, o que a gente acha muito bom acontecer, porque crianças de quatro anos, embora não tenhamos monitoria programada para esta faixa etária, é importante que elas já comecem a apreciar espaços como o de museu. Venham, visitem, nem que seja por um breve espaço de tempo e usufruam do parque já com esta outra perspectiva, de preservação, de cuidado, de dinâmica de um parque municipal, por exemplo. Começamos a fazer a monitoria a partir de oito anos de idade, indo da 2.<sup>a</sup> série, até a 8.<sup>a</sup>, e deixamos a pré-escola e a 1.<sup>a</sup> série para que os professores mesmo acompanhem estas crianças. Por razões de avaliação que nós fizemos, entendendo que na pré-escola a professora, o monitor, tem um vínculo bastante forte com a criança pequena e tem a linguagem própria. Os alunos do 2.<sup>o</sup> grau vem procurar o museu, o parque, com objetivos muito específicos, de pesquisa, fazer trabalho, enfim, aprofundar um assunto específico. Em função disso o que nós fazemos? Capacitamos os profissionais e damos subsídios para que eles entendam os aspectos históricos, os aspectos de importância do parque e do museu. Capacitando este pessoal, acreditamos que nas áreas deles sejam capazes de monitorar as suas próprias turmas.

Nossa agenda está realmente lotada até o final do ano, com esta procura de escolas.

Outro aspecto, nós temos cursos de capacitação, quando eu falo em multiplicadores há um curso que está na sua 3.<sup>a</sup> turma, que é o curso introdutório de Educação Ambiental contando com vários especialistas, quer desta equipe, que dos outros projetos, que abordam temas como o lixo, a água, a poluição do ar, a poluição visual. Convidamos ainda moradores, grupos organizados aqui na região que tenham um trabalho com estas questões ambientais, com estas interferências e sociedades amigos de bairro. Trata-se de um curso de longa duração, de 64h, então ele pega praticamente um semestre e tem tido uma repercussão muito grande entre os funcionários municipais e de outras esferas e dez vagas são reservadas à comunidade. A importância deste curso também é de que faz parte de seu planejamento que os grupos apresentem um projeto na conclusão e o projeto é apresentado para o grupo inteiro. E o que está acontecendo é que na terceira turma estão vindo apresentar os seus projetos a turma 1 e a turma 2, mostrando o andamento destes projetos.

Há um outro projeto, decorrente das trilhas que são feitas aqui, destas visitas de estudantes. Esta trilha sempre começava com uma sensibilização, o grupo se encontrava nas proximidades da cerca que circunda o parque e que faz limite com a Raposo Tavares. Em outra sensibilização era uma clareira, no meio da mata e procurava comparar resultados de temperatura, de sons, de outros aspectos que fizeram presente nos dois espaços. Em decorrência desta sensibilização, duas integrantes da equipe, preocupadas com o aspecto ruído, barulho, começaram a formular um projeto que se estende até o ano 2000, onde de seis em seis meses estão sendo feitas medições em locais, dentro do Parque, quer próximo à Raposo Tavares, quer no interior da mata. Então estas medições são feitas sempre naquele local de seis em seis meses. Os dados são computados e mais do que isto porque os projetos poderiam ser feitos só com dois ou os técnicos de medição, elas envolveram uma escola municipal, envolveram a 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> série, estão os estudantes participam. Primeiro uma palestra para a 1.<sup>a</sup> série, na outra série este estudante vai vir aqui e fazer a medição. E já foram feitas, como parte de interferência de medição, plantações de arbustos nas cercarias do parque, tentando com isto minimizar o ruído que vinha da Raposo Tavares, um trânsito muito pesado de ônibus e caminhões. Então este projeto já foi inclusive levado para congresso na Tailândia e atualmente agora, uma das técnicas está apresentando o trabalho no Perú. Este é o Projeto Ruído: Não se Acostume com Ele. Este é o título principal, o mote do projeto, não se acostume com o barulho, este é o problema que traz o stress, que traz deficiências auditivas, traz a questão do stress, de outros problemas, inclusive psicossomáticos. Outra constatação terrível, nesta escola parceira do projeto, além de medir aqui, eles foram com as crianças medir na escola e ficaram apavorados com o alto índice de decibéis que auferiram, levando a pensar sobre a arquitetura da escola, que não está adequada.

Pensamos ainda sobre o que acontece com os carros, há a possibilidade de interferência da indústria automobilística, de alguns setores mobilizados ou da legislação referente que possa impedir o aumento de problemas de escapamento, ruído de motor, etc. Os professores contam que no período de recreio das crianças é um absurdo, eles têm constatado através de medições, e apresentando este resultados para as crianças tomarem conhecimento. Há toda uma seqüência no projeto, que a criança vai passando de série para série e vem aqui e acompanham este projeto.

Janete: Este é o projeto...?

Cecília: Projeto Ruído: Não se Acostume com Ele. Este é o perigo, se acostumar, porque você se acostuma e não se apercebe dos males que estão vindo com ele. Desenvolvemos outro projeto em conjunto com a Secretaria do Bem Estar Social, através de pedagogos desta secretaria que fizeram o curso na turma 1. Em decorrência destes contatos, convidamos elementos da equipe que atuam diretamente nas creches municipais e convidadas, realizando um encontro de Educação Ambiental para troca de subsídios para o trabalho.

Atualmente, uma vez por mês, toda creche interrompe seu funcionamento para uma capacitação, aproveitando este recesso de um dia, a equipe do CEA vai até a creche e conhece em loco as instalações, toda a área, com participação geral, desde pedagogos, a coordenação pedagógica, até a cozinheira, a servente, os vigias, todo este grupo é sensibilizado, através de técnicas aplicadas a este grupo e avaliação. Isto foi feito inicialmente no Butantã, numa área que se chama Rio Pequeno e está se estendendo para algumas creches.

A partir deste trabalho, os monitores de creche pediram uma continuidade. O grupo percorreu as instalações físicas da creche, a área construída e em torno dela, fazendo um levantamento do que gostava, do que não gostava, do que o aborrecia, do que ao entrar a um local não o deixava satisfeito. Em decorrência disto e de uma avaliação, eles pediram para ter como projeto unificado a todas estas creches, a organização de uma horta, aí foram outras secretarias acionadas, também parcerias da gente, que é a Secretaria do Abastecimento. Engenheiros agrônomos de lá com grandes experiências em hortas comunitárias, vieram e fizeram um curso de montagem e organização de horta. Além disto o pessoal de creche participaram de outras atividades do CEA, realizando trilhas e conhecendo mais detalhes sobre o Parque Previdência.

Um outro projeto super interessante, que tem demanda, é o de ervas medicinais, através de parcerias com a Casa de Cultura do Butantã. Uma parte da equipe de lá também se interessava por este assunto, solicitou subsídios, houve uma troca de experiência muito grande. A característica da oficina para a gente, ela é de menor duração que o curso e tem subsídios teóricos e práticos. Ervas medicinais é outro tema, que tem que tem grande procura, tem muito interesse, englobando desde aspectos econômicos, a coisa do remédio em si, a interferências que remédios alopáticos na saúde, no organismo da pessoa. A questão econômica, a questão de retorno até cultural, de levar adiante estes conhecimentos, estas tentativas de passar receitas simples, de fácil acesso, de você ter no seu quintal, na sua chácara e poder utilizar isto, mas de

passar estes conhecimentos. Um outro programa que a gente tem, já até tradicional aqui, é um projeto de preservação de orquídeas.

Nós falamos até agora de crianças, este programa envolve uma população mais jovem e adulta. Nós temos um voluntário, um professor, um orquidófilo que há onze anos oferece gratuitamente um curso teórico-prático de cultivo de orquídeas para principiantes, de dez horas, duas horas de duração cada aula. Este professor dava o primeiro e segundo semestre, sempre com grande público, com certificado, tudo direitinho, uma pessoa super carismática, uma pessoa muito querida da gente. Com a evolução destes cursos todos, a gente começou a perceber que os alunos voltaram, ou para saber do professor, ou mostrar a sua orquídea e tirar uma dúvida, se adiantar em mais algum outro tema de orquídea. Enfim, havia um retorno. Por idéia dele, do professor Milano, ele disse: “vamos fazer um clube, um clube sem questões de mensalidade, sem envolver dinheiro, uma reunião”, a gente deu o nome de Clube dos Amigos das Orquídeas. O curso até então era dado só por uma pessoa, que era o professor Milano, agora mudou. O clube se reúne quinzenalmente e não é ele que desenvolve todas as aulas. Ele dá a aula inaugural e a gente convida especialistas de outros orquidários que venham falar, por exemplo sobre adubação, o replante e outros temas, finalizando cada um deles com palestras quinzenais, tem dado muito bom resultado.

Janete: Com continuidade?

Cecília: O primeiro semestre nós deixamos reservado para o Clube. Quando as orquídeas estão mais floridas, a gente deixou para o curso, e um alimenta o outro, o que está acontecendo?, os que fazem o Curso estão indo para o Clube. Quem vem ao Clube fica nas aulas para rever o pessoal, para conhecer, para fazer a troca de orquídeas. Deste processo do Curso e do Clube foram tiradas também pessoas para outra atividade de monitoria voluntária, na qual espera-se que as pessoas venham ao parque e se comprometam em manter e cuidar deste orquidário. Esta atividade tem altos e baixos, não tenha dúvida, porque a monitoria voluntária vai depender muito da disponibilidade das pessoas, eu não duvido da capacidade, não é nada disto, é principalmente da disponibilidade pois, às vezes as pessoas têm problemas de saúde ou outros envolvimento que impedem que elas venham. Mas nós temos um grupo de pessoas que ao serem convocadas, ou nas necessidades do orquidário estão sempre presentes, fazendo de tudo quanto à

manutenção, desde passar adubo, cuidar das pragas, a limpeza, o replante e, disto tudo culminou com uma exposição de orquídeas.

Este ano nós tivemos a 2.º Eco-Orquídea, que tem características completamente diferentes, isto eu garanto para você, de outras exposições que acontecem na cidade, pois não temos a pretensão do cultivo comercial, tá? Nós temos principalmente a questão de preservar. Um detalhe importante, no Clube, de oito encontros, dois são por uma determinação da estrutura mesma do clube, nós sempre trazemos questões de Meio Ambiente, o que amplia a visão, a conscientização, a mobilização destas pessoas.

A Eco-Orquídea nasceu de todo um processo, então nós temos por exemplo a categoria... Para nós não importa tanto a flor. Para nós importa o recipiente em que ela está, o que pode ser recipiente, que deve ser um recipiente utilizando descartável, que seja não poluente, que possa reaproveitar a embalagem, por exemplo, aquilo que vai se tornar lixo que possa ser reaproveitado para o cultivo de uma orquídea neste aspecto caseiro, doméstico.

Já existe toda uma preocupação com o substrato, que é o meio natural onde a planta nasce e sobrevive, porque o xaxim está em extinção e o IBAMA já decretou sua proibição de corte. Aqui no Brasil nós temos o privilégio de ter o xaxim, outros países não tem ou está em extinção. Nós temos que pensar formas de cultivá-lo. Começa aí um trabalho de explicação, porque está em extinção, o corte predatório, o desmatamento, as queimadas, tudo isto é falado, tudo é mostrado, vivenciado e procuramos alternativas. Tem gente que já experimentou com folhas diversas, até bagaço de cana de açúcar. Então, a exposição tem uma categoria que não importa apenas a flor, também considera-se fotos, por exemplo, para você ter uma idéia, a própria pessoa pode fotografar na natureza ou a sua própria orquídea.

Dentro do projeto das orquídeas tem também a atividade de plantio em árvores aqui do Parque, na qual nós estamos utilizando as áreas de maior movimentação do público, que a gente chama área de circulação, porque é um território que tem uma certa vigilância. Mas com o passar do tempo e tendo mais orquídeas também, doadas ou que venham de replante nós vamos fazer isto na mata. Outras oficinas, cursos e projetos são os instrumentos que nós temos para alcançar, motivar e sensibilizar esta comunidade. Então uma das oficinas mais procuradas é a de papel reciclado, que pode ser oficina, ou pode ser desenvolvida como um curso, e vem desde as questões ambientais, a confecção até a utilização do papel. Agora em dezembro a gente vai ter uma específica de papel reciclado e o uso em cartão de natal.

Outras oficinas , nós temos, por exemplo, terrário, sementeira, identificação botânica. Em todas elas com duração de cerca de quatro a oito horas onde sempre vão os subsídios teóricos de importância do solo, de importância da água, do ar, importância de sol, não é? Todos estes aspectos na qualidade de vida, na importância deste parque, sempre relacionando o espaço que a gente está. Então a pessoa traz o recipiente, tem toda esta parte teórica e depois monta o seu terrário aqui e sai com ele para casa. Sementeira, a mesma coisa, além da parte teórica é feito uma saída, uma volta ao parque, as sementes são recolhidas, identificadas, verificadas se elas estão em condições de germinação ou não, e o local onde foram apanhadas e aí, a pessoa volta aqui para o Museu e lá, no espaço próprio que a gente chama de estufa, ela é orientada a preparar a sua sementeira, partindo daqui com seu recipiente plantado, para fazer o acompanhamento depois em casa. Identificação Botânica, também desta feita, que características da árvore devem ser levadas em conta para que a pessoa possa identificar a árvore em questão, especialmente as existentes aqui neste parque. Pegando o segmento também da Terceira Idade, principalmente, nós estamos com palestras e dando uma continuidade a alguns trabalhos. Quando se fez a primeira percebeu-se que havia interesse, que a pessoa palestrante era uma pessoa muito interessante com uma vivência muito grande e que o tema era prioritário, a questão longevidade, relacionando a um habitante residente nesta capital, com uma cidade com suas características próprias, bem específicas, residente aqui na comunidade, então ele se tornou um voluntário nosso, um palestrante voluntário que tem vindo, tem marcado mensalmente encontro e com temas variados a respeito desta questão de qualidade de vida da pessoa da 3.<sup>a</sup> idade, que aspectos devem ser levados em conta, o que fazer com a saúde, alimentação, a prática de esportes, como é que isto deve acontecer, etc... Outra prática aqui desta feita especialmente com um dos professores, que é um veterinário que semanalmente vem munido de binóculo, de bloquinho para anotações e anda, faz sempre o mesmo percurso. Com isto ele conseguiu observar penas, fezes, ninhos, cascas de ovos e o canto e fez um levantamento dos pássaros existentes aqui no parque que são residentes, moradores fixos e dos transitórios, aqueles que vem do norte, que vem dos EUA, vem de outras paragens e pousam no parque para alimentação, para descanso e continuam para o sul, por exemplo, fazendo as suas rotas. Então ele faz este levantamento, abastece o museu pois faz parte também este levantamento com a descrição do pássaro, a figura dele, hábitos etc... Então é o resultado desta prática deste profissional que fez isto ao longo de um ano inteirinho e continua fazendo, enfim, se tem alguma modificação, se



chegar algum visitante novo, família nova. Em função deste levantamento é feita uma oficina, até então esta oficina foi dedicada a um pessoal adulto e este ano, numa experiência também nova foi feita uma oficina para adolescentes. Eu acho que como a coisa vai acontecendo devido à procura que se está tendo, deve acontecer agora para adultos e crianças concomitante.

Janete: Quais são os objetivos gerais destas programações?

Cecília: Objetivos. O objetivo geral dos Centros de Educação Ambiental e deste em especial é que se torne um espaço de conscientização, de mobilização. Queremos que a população nos tenha como referência, venha aqui, procure-nos. Que a comunidade sinta que há uma equipe disposta e disponível a fornecer subsídios e avaliar os trabalhos desenvolvidos frente a demanda. Nós temos que ter condições e oferecer caminhos na busca de soluções e resultados. Então, os espaços do museu, do auditório, por sermos um Centro de Educação Ambiental, principalmente, não dá para ficar enclausurado em quatro paredes. Por isto, cada vez mais, nas capacitações de profissionais e monitorias de crianças, nós saímos das quatro paredes do museu, ampliando esta visão. Por exemplo, o Curso Introdutório de Educação Ambiental tem uma aula em que os grupos saem do parque e vão até a Rua Eliseu de Almeida e outros arredores aqui do entorno, que é o que nós queremos, não ficar aqui enclausurados, mas que o espaço se torne de mobilização, de conscientização, de reflexão. A gente coloca à disposição o acervo bibliográfico, desde textos, livros, trabalhos, até recortes de jornais que são na verdade referências para nós de como estão sendo lidadas as questões de ambiente da nossa cidade, o que acontece com o córrego que está passando perto de sua casa, as questões de interferência por exemplo de um condomínio novo que está sendo instalado, uma praça que não está sendo devidamente cuidada, enfim, o lixo que a gente tem na avenida ou em terrenos baldios, sendo tomados por entulhos. Queremos que a população nos tenha como referência, venham aqui, procurem-nos porque se nós não pudermos oferecer estes subsídios, nós temos que ter condições e propiciar a esta população caminhos na busca de soluções e resultados.

Nossa limitação geográfica não se restringe ao Butantã, nós temos recebido população do Taboão da Serra, de Cotia, de Osasco. Em cursos e algumas palestras de maior alcance nós temos pessoas da Móoca, de Guarulhos, e queremos realmente esta ampliação. Nossa preocupação é com a multiplicação dos conhecimentos e atividades de Educação Ambiental, que

as pessoas possam vir, assumir e fazer junto conosco, tocando conjuntamente estes projetos que estão em andamento.

Janete: Há quanto tempo existem os programas?

Cecília: Bom, o Centro de Educação Ambiental existe de fato há coisa de doze anos, ocorre que ele inicialmente era ligado a uma Secretaria de Serviços e Obras, através do Dept.º de Parques e Áreas Verdes – Depave, isto quando não contava com a existência da Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Com a gestão do prefeito Paulo Maluf e a criação desta Secretaria foram criados departamentos específicos, que é o planejamento para esta área de Educação Ambiental no qual o Centro de Educação Ambiental começou a fazer parte de uma divisão e de um dept.º específico. Portanto, o centro já tem doze anos, mas nesta nova configuração esta há uns três anos .

Janete: Quais os profissionais envolvidos?

Cecília: A concepção de Educação Ambiental que nós temos exige uma prática interdisciplinar, envolvendo diferentes profissionais na configuração das equipes de trabalho: assistentes sociais, psicólogos, biólogos, arquitetos e outros. São diversas áreas envolvidas num trabalho comum. Ocorreram grandes modificações neste período de existência do Centro, a equipe está com esta configuração há cerca de dois anos e meio, trazendo modificações aos programas a partir de sua visão, sua experiência anterior e toda a bagagem destes técnicos, a estes novos projetos do Centro.

Janete: Dificuldades e resultados

Cecília: Vou começar com os resultados que já estamos sentindo, quando percebemos a procura dos grupos, de uma ampliação dos projetos, como os projetos a longo prazo tipo o do ruído que vai até 2000, também pela adesão de outras parcerias : Secretaria de Bem Estar Social, Secretaria do Abastecimento, escolas municipais da redondeza é... quando percebemos a ampliação destes projetos, ramificações que estão sendo feitas, nós temos certeza de que os resultados estão sendo sentidos, estão sendo positivos. Nós temos avaliações a cada oficina e a

cada curso, e o Museu tem um livro de registro também com uma parte que deixamos espaço para que a população possa se expressar a respeito do atendimento recebido.

Eu entendo que a nossa preocupação é sempre dar o melhor atendimento à população e acredito, pelo que nós ouvimos destas pessoas que nos procuraram, que daqui deste Centro elas não saem sem resposta. Eu acho que este tipo de qualidade de atendimento, de presteza, de abertura de espaços nós temos conseguido manter. Outra questão que me faz acreditar nestes resultados positivos, quando eu falo de avaliação, as avaliações modificam inclusive as nossas práticas. Então, o que eu tenho a te dizer é o seguinte: a monitoria que começou com determinada estrutura, no decorrer do primeiro ano já esta completamente modificada em 1998 e nós estamos, neste momento, em pleno período de avaliação das atividades de 98 e planejamento para 99, com certeza, já vão ser introduzidas novas questões, novas propostas.

Não é porque a gente tem um museu, não é porque a gente faz trilha, que ela é sempre a mesma com todos os grupos, como se fosse eu ligar o meu aparelho aqui e blá, blá, blá... não, para você ter uma idéia, numa monitoria que a gente faça numa escola, o primeiro contato vem por telefone, a pessoa interessada vem e nos procura, nós marcamos uma reunião antes desta trilha, na qual procuramos conhecer a localização desta escola, tudo o que identifique o grupo, mas especialmente as expectativas que este grupo tem e nós falamos quais são os nossos objetivos. E nesta reunião com o professor de História e Ciências, enfim, das matérias envolvidas, a gente vai conversar a respeito desta proposta. A monitoria portando vai adquirir uma cara própria para cada escola e esta é nossa preocupação. O próprio técnico parte em busca destes elementos, destes subsídios, através desta reunião, convidamos o professor de determinadas matérias para vir antes na capacitação e com isto a gente tem sentido que tem feito parceiros. Outra coisa que me faz explorar este tema é que quando a gente fala em museu, a gente tem idéia que museu é coisa velha, parada, naturalmente escurecida, não, o museu de Meio Ambiente tem que retratar todas as nossas preocupações, tem que retratar como deveria ser o certo, como deveria ser a relação deste homem com o meio natural e urbano que ele está criando. Quando eu te disse que a gente tem um acervo permanente e tem um acervo que é temporário, com atualização, com recortes de jornal, de cartazes e que procura retratar o que está acontecendo aí em volta. E a criança tem, com exceção de alguns espaços, a criança tem que mexer na semente, pode, não que tenha, pode, e nós vemos uma tendência assim no

professor que está junto, quando diz, “não, não põe a mão, não pega”. Nós falamos: “neste espaço você pode pegar. Pega, sente a semente e depois volta ela no mesmo lugarzinho”.

No Museu têm os vidros com as cobras, doadas pelo Butantã, e tem num espaço abaixo com as cobras de pano para que as crianças pequenas possam ter esta vivência de mexer, de olhar, de sentir, etc....É interativo, é isto que nós buscamos, o que não pode ver tá cercado, tá fechado, ou então pede-se por favor não mexer nos objetos, mas existem espaços em que a criança é convidada a mexer, a sentir, a ver. Não tem que ser um museu em que não se fale nada e sim um local em que a criança possa falar e tem que dizer: “oh! Eu tenho medo de escorpião!”. E respondemos: “Está certo. Aqui ele está assim... ele foi apanhado com todo cuidado e está aqui para estudo. Do outro, aquele que fica no entulho, embaixo das telhas, se você tem reforma em casa, tenha cuidado com o lixo que você acumula etc... e mantenha distância ”.

Este aqui está nestas condições prá você poder ver, identificar, tudo isto é falado para a criançada. E outra coisa, normalmente a visita, a trilha termina com um jogo de quebra-cabeça ou de dados, ou coisa assim, envolvendo a criança com tudo o que viu lá fora e aqui no museu, e que possa de uma forma lúdica aprender conhecimentos sobre o meio ambiente. Então, por isto, pelo nosso calendário cheio, eu acho, Janete que nossos resultados tem sido positivos e as avaliações trazem modificações para a gente, mostram os erros, mostram as coisas que possam estar repetitivas.

Janete: E vocês já trabalham em cima destas mudanças?

Cecília: Sabe outra oficina que eu esqueci de te falar é a Oficina de Jogos Pedagógicos em Educação Ambiental. O atendente de creche, esta turma que trabalha com a criançada participa sai confeccionando jogos, sucatas de baixo custo e facilidade de uso para que a escola possa fazer, renovar o seu estoque, que a criança possa fazer dentro de casa, e com noções de cadeia alimentar, por exemplo, reprodução das espécies, das plantas...jogos que possam ser internos ou em área externa, numa área livre é feito jogo corporal, com objetos de sucata.

Bom, deixa eu ver... Dificuldades temos, é o seguinte: atualmente por questões relativas à própria administração, prefeitura, nós temos dificuldades de material, de transporte, então o convite a um palestrante é pensado e repensado três vezes. Não temos tido facilidade de transporte, nem dos técnicos que vão às unidades, a outras sociedades de bairro, às creches. Se os

parceiros ainda, outras secretarias conseguem isto ou o técnico vai com seu próprio carro, com seus meios próprios. Mas isto é uma dificuldade que vem se agravando cada vez mais. Outras, de outro tipo, nós temos o próprio espaço e eu vou te justificar da seguinte maneira, este local que nós estamos era uma antiga estação de tratamento de água, o auditório, a própria estufa, eram grandes reservatórios em que a água passava de um lado para outro para tratamento e no parque há uma cúpula numa antiga caixa d'água, muito bem, então qualquer reforma aqui, quebrar uma parede ou etc... você não sabe a dificuldade que foi prender no museu os quadros e gravuras e nós tínhamos de prender uma bucha, mas precisava de um negócio de grande impacto, esta furadeira doméstica que a gente podia trazer de casa, não dava.

A água para o bairro vem de uma outra estação, de uma outra captação. É aí que a prefeitura teve a idéia de montar este centro de educação levantando estas paredes que são mais recentes, toda esta parte de baixo, você vai observar era destinada a este uso. Então temos dificuldade pois no calor o auditório é muito quente, pelas telhas, a falta de ventilação, então o museu e o auditório são adaptados. Os grupos que freqüentam, dizem: "ah! O auditório é muito quente, precisa de ventilador". Isto é levado em conta, mas a gente não deixa de fazer as atividades só por causa disto. Mas é uma dificuldade, uma reforma já foi solicitada ao que me conste há mais de seis anos, mas até agora nada foi providenciado.

Então, a falta de material, a falta de infra-estrutura como um todo, a questão física e eu acho também que pela equipe, há um desejo que se possa ter condições de capacitação, de vir até apresentar um projeto lá fora, apoiado pela prefeitura, entendeu? Os cursos que se faz se não forem promovidos pelo departamento, ou por algum setor da Prefeitura, eles são pagos e tem um alto custo, e isto o técnico faz por conta própria também, ou então fica sem fazer. E a gente gostaria... eu sei que é desejo da equipe, de ter isto com mais fácil acesso, no momento não está se tendo, eu diria que são estas três dificuldades.

Janete: Quais são as suas concepções de Educação Ambiental e qualidade de vida ?

Cecília: Eu entendo a Educação Ambiental muito relacionada com qualidade de vida, com as questões de valores, de compromissos das pessoas, de não ter aquela priorização do individual, do individualismo, do pensar em si mesmo, mas de pensar no grupo, na comunidade, pensar em troca, em solidariedade. Ter uma atitude crítica a respeito do que é feito e nunca achar que aquilo que está muito longe de você, então vou exemplificar, quando você escuta num jornal

na televisão: incêndio em Roraima, incêndio no Parque Nacional de Brasília, achar que Brasília que se dane, tá longe, que não me afeta, ou ter uma atitude diferente, “ah! que pena, ai coitados”, quando existem problemas reais e evidentes no seu meio que te circunda. Então, uma cidade como São Paulo pela forma como está sendo montada e organizada, as pessoas têm tendência ao afastamento, ao isolamento, ao enclausuramento das pessoas, e em alguns locais até é difícil o vizinho saber quem é o outro vizinho, ou se precisa de alguma coisa, ou o que tá acontecendo com ele. É imprescindível para a qualidade de vida ter esta mobilização, então quando eu leio nos jornais locais sobre conselhos de segurança, conselho de saúde, quando eu vejo mobilização de residentes em prol de uma praça dá uma esperança, tanto que nós abrimos no nosso acervo bibliográfico, uma pasta suspensa com o tema mobilização e a gente tem recortado tudo que privilegie estas intervenções. Então, o que eu entendo? Considero a Educação Ambiental como um meio para as pessoas participarem, revendo seus valores, como o respeito, a preservação da vida, a solidariedade. E a preocupação da gente é que as crianças, os adolescentes, estão muito acostumados, estão sendo levado a isto evidentemente, ao individualismo, ao “eu posso mais”, ao tirar vantagem, este tipo de comportamento que é preocupante como caminho da humanidade. Quando eu começo a ler nos jornais que uma semana vem um grupo de moradores preocupados com uma praça, um outro grupo que estava desativado e agora está voltando são os conselhos de segurança, onde comerciantes, onde a população pode ir reivindicar, falar, etc... já é um sinal de que as coisas estão começando a tomar um outro rumo, entendeu? Não dá para dissociar Educação Ambiental de valores como estes que eu falei, na minha concepção.

Janete: O que você privilegia na tua prática?

Cecília: Eu penso o seguinte: eu estou com o Projeto de Orquídeas, faço as monitorias e eu entendo que o respeito, eu entendo que ouvir, quando eu começo a monitoria com a criança, eu começo dizendo: “Eu sou Cecília, eu trabalho aqui. Eu vou começar a apresentar o parque para vocês, mas eu quero que vocês façam perguntas. Quando vocês quiserem saber alguma coisa, me interrompam”. Eu pergunto, para eles: “Onde você nasceu?” “Onde você mora?” “Já viu alguma coisa parecida com esta?” Então eu pergunto para eles também. Eu digo: “Eu também vou fazer perguntas para vocês. Não fiquem pensando que só vocês vão fazer perguntas para mim”. Então eu acho que o cuidado, esta atenção, o saber ouvir, em se tratando de

monitoria voluntária do orquidário, por exemplo, o delegar, o avaliar com estas pessoas, o elogiar, sabe? O elogiar e o agradecer, quando estas pessoas trabalham com a gente, elas tem umas idéias fantásticas. E não é só quando... por exemplo, tá faltando envelope, elas vão e trazem envelope da casa delas, não é. E eu agradeço, agradeço de público as pessoas que colaboram, não é só nisso, é quando elas vem também, é quando elas participam com a gente, dão idéias na própria montagem de uma Eco-orquídea por exemplo, entendeu? Quando nós falamos assim: “pessoal, precisamos contatar os ex-alunos”, “eu vou chamar o fulano, fulano, fulano”, eles já fazem as redes, quer ter uma idéia? Na Eco-Orquídea nós temos uma quota de xerox, e nós fizemos alguns cartazes pequenos e uns poucos maiores, uns dez que eram mais caros, uma pessoa se prontificou a tirar xerox colorida. Quando foi falado em reunião da comissão organizadora da Eco- orquídea o pessoal disse assim : “tudo bem, pode ficar comigo, você quer que eu tire xerox?” Na reunião de avaliação elas fizeram a divulgação, tiraram xerox por conta própria e tomaram várias providências. Então a gente tem que contar com este pessoal, agradecer as idéias, as propostas, enfim.

Janete: Dentro das atividades aqui do Parque que você apresentou, quais as que você está diretamente envolvida? Todas estas que você me apresentou ou algumas?

Cecília: Não, é de praxe nós termos dois ou três técnicos dependendo do formato do projeto. Eu estou com o Projeto Preservação de Orquídeas, com a Capacitação de Professores, com a Monitoria às Escolas.

Janete: Obrigada.

## ENTREVISTA COM NÍSIA

Janete: Nísia, por favor, seu nome completo.

Nísia: Nísia Mafra.

Janete: Idade?

Nísia: 43 anos.

Janete: Escolaridade?

Nísia: Superior completo, formada em Serviço Social

Janete: Você tem algum curso de pós graduação, especialização?

Nísia: Especialização em Educação Ambiental pela Faculdade de Saúde Pública da USP.

Janete: Algum outro curso que você queira citar, alguma coisa que te fundamente na prática em Educação Ambiental?

Nísia: Não. Fiz cursos internos, da Secretaria mesmo.

Janete: Então aqui é a Prefeitura Municipal...

Nísia: Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria do Verde e do Meio Ambiente.

Janete: Tem alguma divisão?

Nísia: Eu trabalho no DEAPLA, que é Dept.º de Planejamento e Educação Ambiental. A Secretaria é dividida em três grandes departamentos: o DEAPLA, o DECONT - Dept.º de



Controle Ambiental e o DEPAVE, que é o Dept.º de Parques e Áreas Verdes, responsável pela manutenção e coordenação dos parques municipais.

Janete: E dentro do Deapla você trabalha no Departamento de Educação Ambiental?

Nísia: Na Divisão de Educação Ambiental. Dentro do Deapla existem três áreas: Educação Ambiental, Planejamento e a Divisão de Políticas Públicas.

Janete: O seu cargo?

Nísia: Eu sou assistente social.

Janete: Há quanto tempo você atua em Educação Ambiental?

Nísia: Desde o início de 1996, quando eu vim da Secretaria de Saúde.

Janete: E quais são os programas que você desenvolve?

Nísia: Na verdade existe a Divisão de Educação Ambiental, dentro desta divisão existem quatro centros de Educação Ambiental, que ficam nos parques: um no Parque Guarapiranga, outro no Parque Ibirapuera, no Parque Previdência e outro no Parque do Carmo. Os Centros de Educação Ambiental – CEAS tem suas programações, e a Divisão por sua vez desenvolve alguns projetos, alguns até independentes dos CEAS. O Projeto Um Milhão de Árvores, o Projeto Frutuficar, o Procav, que é um projeto de canalização do córregos e além destes, o projeto Fauna. E uma outra coisa que eu esqueci, além dos quatro CEAs, tem o Núcleo Billings, que é um grupo de pessoas que ficam aqui na Divisão desenvolvendo projetos por falta até de espaço na região.

Além destes três projetos maiores, acompanhamos a Divisão de Educação Ambiental que também funciona como um CEA, atendendo demanda, realizando oficinas, palestras, cursos, com escolas, secretarias. Trabalhamos muito em parceria com a Divisão de Políticas Públicas,

implementando a Agenda 21 local, porque São Paulo tem uma agenda 21 própria. Então tem uma solicitação muito grande para a Divisão, das outras secretarias.

Desta forma atuamos muito na área educativa, com palestras, cursos e agora mesmo a gente fez um seminário grande voltado à Educação Ambiental em área urbana, teoria e prática. Este evento foi promovido pela Secretaria, tendo se realizado no Museu de Arte Moderna, com quase 300 pessoas. Na Divisão acabamos acompanhando um pouco o trabalho dos CEAs, dando apoio. Quando tem curso no CEAs, a gente vai, faz palestra, coordena, e além disto respondemos também à demanda externa que vem para a Divisão. Eu estou no programa, dentro do Projeto Frutificar, que é um projeto que foi planejado para dois anos, era uma parceria com o Instituto Unibanco e com a Secretaria de Educação, via setor de Educação Ambiental da Secretaria de Educação. Este projeto foi programado para dois anos, só que depois de dois anos acabou o contrato de financiamento com o Instituto Unibanco e mesmo assim tocamos o trabalho por mais tempo. Então, ele começou em julho de 1995 e foi até o ano passado, 1997, seguindo as coordenadas do próprio projeto. Mas por uma série de questões, dificuldades mesmo internas, de falta de material, falta de pessoal, falta de carro, e a forma como o projeto era organizado, impediu sua continuidade. No ano de 1998 estamos fazendo um trabalho de avaliação onde chamamos as escolas para participarem.

Janete: Em que período vocês chegaram a desenvolver o projeto?

Nísia: Durante dois anos e meio. Deixa eu falar um pouco dele, que envolveu as escolas municipais da rede pública. No início do ano eram abertas vagas para 40 escolas, por semestre. As escolas se inscreveram, e participaram de uma primeira reunião, através do diretor ou coordenador da escola, para conhecer o projeto. Neste momento explicamos o que consiste o projeto, seus objetivos, suas metas. Trata-se do Projeto Frutificar, cujo material é fornecido pela Secretaria, compondo-se de um kit, com tubetes. Os técnicos forneceram terra adubada, um composto orgânico, feito pelo Depave e sementes de frutíferas nativas brasileiras, goiaba, pitanga, araçá, que são mais facilmente conseguidas. A questão tratada pelo projeto é a valorização das nativas e a partir disto, o objetivo é partir da observação deste brotinho, desta semente, para que a escola comece a discutir e a pensar nas questões ambientais a sua volta, dentro da própria escola, a questão do lixo que está, às vezes, ali na porta, a falta de arborização.

Ou seja, partimos desta observação da natureza, do plantio, do manuseio, do contato da criança com a mudinha, com a semente. E depois desta primeira reunião com os educadores da escola, para o levantamento de necessidades e definição do trabalho, fazemos o treinamento com os professores que vão desenvolver o projeto que é discutido internamente e só após é confirmada a inscrição pela própria escola. Neste sentido não queríamos que o projeto fosse uma iniciativa apenas da diretora, mas uma idéia coletiva, que envolvesse toda a comunidade de alunos. Até o número de alunos participantes era relativo, a escola podia trabalhar com uma sala, com todos os alunos, a idéia é desencadear um processo de discussão dentro da escola. Que a escola olhe para as questões em volta, dentro da própria escola, questão do lixo, questão da arborização, do lixo que está às vezes ali na porta. Depois da definição pelo projeto ocorreu treinamento com os professores que iam desenvolver o Projeto, informando metodologia, como é que faz o plantio, quanto tempo é necessário para germinar, que semente está sendo plantada, os cuidados necessários: molhar o local, colocar a caixa em local que chamamos de berçário. Os monitores voltam para a escola, eles recebem o material e fazem o plantio e nós acompanhamos o desenvolvimento do projeto, através de visitas, reuniões mensais com estes professores com horário diferente, manhã e tarde, para dar possibilidade dos professores de diversos turnos estarem participando. E nestas reuniões discutimos metodologias que facilitem o trabalho educativo. Uma delas refere-se ao levantamento dos problemas ambientais dentro da escola, uma metodologia que a gente tem elaborada, Agenda 21 do Pedaco, na qual são pensadas as questões do seu local, do seu habitat. Estas reuniões tinham este objetivo, estar sanando dúvida, discutindo as dificuldades que eles apresentavam e passando informações também. O Projeto se desenvolve assim, ele durou seis meses, de fevereiro a julho, em agosto começou outra turma indo até dezembro.

Janete: Seis meses em cada escola?

Nísia: Seis meses em cada escola. A previsão seria trabalhar com 80 escolas por ano, 40 no 1.º semestre e 40 no 2.º semestre. Este Projeto durou dois anos e meio, temos alguns resultados, mas tem toda uma problemática relativa à forma como a Secretaria de Educação é estruturada. Então, uma das dificuldades atuais que temos para o projeto refere-se à própria secretaria, não sei se você acompanha, mas já mudaram uns dez secretários de Educação, os

programas desta forma não têm tido continuidade, quando você começa a implantar as atividades, há uma parada. No princípio o projeto foi pensado para crianças de primeiro grau, entretanto começamos a ter uma grande demanda de escolas municipais querendo o material, só que a cartilha não era voltada para este público. Então, uma das coisas que nós percebemos é que havia a necessidade de rever este material e outras possibilidades de trabalho que fomos percebendo em função da demanda e da própria prática. Tentamos implantar projetos em várias escolas com a Secretaria da Educação, mas sempre sem continuidade, inviabilizando nossos propósitos. Outra questão que bloqueou o desenvolvimento do projeto foi falta de estrutura e recursos materiais, estamos sem carro, você pode ter uma escola no extremo do Parelheiros e outra em Ferraz de Vasconcelos.

Janete: Foi o que eu pensei.

Nísia: E a gente aqui na Paulista... tornou-se é impossível conseguir cobrir estas escolas nestas distâncias.

Janete: Vocês estão sem transporte?

Nísia: Sem transporte absolutamente. Hoje eu tenho que sair daqui 11:30 horas para ir no Parque do Carmo, pegar uma palestrante, vou de Metrô. É uma loucura. A gente trabalha meio na marra, não tem pessoal para fazer coleta de semente, porque semente a gente coleta. Você não compra a semente, então é uma das dificuldades. Inclusive neste 1.º semestre de 1998, fizemos um trabalho com o Depave II, que faz a produção de mudas, do Manequinho Lopes. Eles fazem a coleta, e acondicionamento das sementes, gelando-as, então fizemos uma testagem com as escolas prá ver se as sementes geladas germinam, ou não. Tudo isto visando uma diversidade maior de sementes, porque a gente acaba no 1.º semestre trabalhando só com goiaba, pitanga e araçá. E no 2.º semestre tem maior variedade, mas se passou o tempo da germinação, a semente estraga, é jogada fora e você fica sem semente. Estava sendo feito um trabalho com o Depave, para tentar achar uma tecnologia que possibilitasse ter uma diversidade maior de semente. Mas existe outra dificuldade, não tem gente para fazer coleta, não tem pessoal prá estar produzindo o composto orgânico, este material é entregue nas escolas, então não tem caminhão, não tem

recursos humanos e nos vimos numa situação limite que não deu mais para continuar o Projeto. O que a gente está fazendo agora? Vamos novamente para as escolas, atuamos hoje em três escolas que manifestaram interesse que continuássemos acompanhando o projeto, desenvolvendo outras atividades. Estamos fazendo um acompanhamento destas programações em três escolas, uma na zona Norte, outra na zona Sul e outra aqui perto do Previdência, através de discussões com o conjunto de professores, primeiro refletir um pouco o que é para eles meio ambiente e como eles entendem a Educação Ambiental. Num segundo momento, vamos discutir a elaboração de um projeto nesta área, a questão da interdisciplinaridade que entrou agora entrou nos parâmetros curriculares, como tema transversal, o que abriu novas possibilidades de trabalho para nós, da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Estávamos muito amarrados à Secretaria da Educação, ao fato daquela Secretaria considerar se era importante ou não discutir esta modalidade de prática. Hoje, com os temas transversais, já temos demanda direta da escola buscando trabalhos nesta área. Nossa concepção é a de que a Educação Ambiental que tem que passar pela interdisciplinaridade, tem que envolver todo mundo, e ficava muito difícil você implementar isto na escola. Percebemos cada vez mais a necessidade de intercâmbio entre as disciplinas, o que nem sempre é fácil, até porque a própria forma como a Educação é concebida, cada um cuidando do seu pedacinho. Entramos nestas escolas, fazendo um acompanhamento mais de perto, que não está sendo fácil pela distância. Concluímos o trabalho anterior com um Seminário de Avaliação, para o qual chamamos as escolas envolvidas nos projetos desenvolvidos desde 1995 até 1998. Não se pretendia chamar todo mundo porque não se tinha espaço, era uma amostra, então a gente fez uma avaliação, e as escolas colocaram a necessidade de estarem continuando com o projeto. No entanto, percebemos que projeto Frutificar acabou não conseguindo alcançar os objetivos que a gente pretendia, no sentido que fosse desencadeador da mobilização das pessoas para que conseguissem elaborar programas dentro da própria escola, de integrar o conjunto de funcionários, pois as atividades ficaram apenas acima de uma, duas pessoas. Percebemos que o Frutificar serviu para sensibilização como um momento inicial de abordagem destas questões. Concluímos que se fossemos continuar com o Projeto, não abriríamos inscrição para todos, mas apenas as pessoas que já tivessem uma percepção das questões ambientais, que tivessem como objetivo estar trabalhando isto, que já apresentassem alguns conhecimentos sobre a Educação Ambiental. É uma das coisas que mudaríamos no projeto, não que a partir dele as pessoas comessem a observar, mas que ele servisse muito mais

como um instrumento, como a experiência das hortas, coleta seletiva, reciclagem de papel . A idéia agora é que o projeto constitua um suporte, um meio pelo qual você pode estar fazendo esta discussão da Educação Ambiental.

Janete: Percebo que você já está avaliando o trabalho. E o que você aponta como resultados alcançados?

Nísia: O resultado foi a sensibilização de várias escolas, educadores e crianças e outros trabalhos que decorreram. Hoje nos questionamos na Divisão sobre os objetivos de nosso trabalho. Temos até um documento com um conceito de Educação Ambiental, que envolve a questão da cidadania, de você estar trabalhando com as questões sociais. A concepção de meio ambiente que a gente tem não envolve só as questões naturais, mas envolve as questões sociais, urbanas, até por isto realizamos o Seminário sobre Educação Ambiental em área urbana e a partir desta concepção, temos amadurecido nossos posicionamentos, discutindo o nosso papel como agentes formadores, porque se nos propomos a formar multiplicadores, a fazer com que as pessoas entendam e valorizem as questões ambientais temos que pensar nisto. Na questão da educação, mudar comportamento, valores, não é coisa que se faça do dia para a noite, demanda um tempo de preparo das pessoas. À medida que você dá um curso mesmo que seja de 40, 50 horas, será que com isto as pessoas saem multiplicando? Em que nível estamos trabalhando? Temos nos perguntado muito isto na Divisão. No nível de sensibilização, no nível de implementar projeto, nível até de acompanhar e dar supervisão a projetos de Educação Ambiental. Percebemos que estamos trabalhando muito no nível da sensibilização ainda, a exemplo da própria questão da Educação Ambiental, que é ainda muito recente. Então temos percebido que os nossos cursos são bastante voltados para uma discussão bastante ampla das questões ambientais. Como é que as pessoas entendem o entorno, que visão que eles tem de meio ambiente? O projeto acaba sendo bastante informativo no sentido de trazer os problemas contemporâneos como a da falta de árvores na cidade, a questão da poluição sonora, visual, o problema das enchentes, as questões sociais, a pobreza, a vida urbana e outras. Mas as questões metodológicas mesmo, referente ao modo de intervir para mudar a forma do se humano se relacionar com esse meio ambiente , através de novos valores, e pensar em alternativas que possibilitem mudanças de comportamento, estamos ainda engatinhando. Já tem algumas

metodologias, algumas formas de estar abordando, quando você faz uma trilha dentro de um parque, por exemplo. Por que trabalhar dentro de um parque? para eles sentirem o contato com a natureza e perceber, quando se chama a atenção numa trilha do lado de fora do parque. Você entra para um parque e passa a perceber esta questão do clima, a própria temperatura, você está educando de uma forma interativa, porque a pessoa tá sentido calor, ao mesmo tempo refresca, e depois discute em grupo a importância de ter áreas arborizadas, os problemas do desmatamento e muitas outras coisas. Chamamos a atenção para um árvore centenária dentro do parque perguntando quantos anos ela tem, e de que espécie ela é? Quando fizemos o Frutificar percebemos que as crianças começam a observar o ciclo natural. Ela adquire até uma noção de tempo, da necessidade da preservação. A função de uma árvore, a questão dos pássaros, as espécies vivas, etc... Então todas estas informações são educativas. E eu me questiono se em termos de mudança mesmo, como é que as pessoas saem mudando hábito ou pensando, principalmente para os educadores, profissionais que estão pretendendo reproduzir isto, como é que ocorre a mudança interna e comportamental? E estamos nos propondo, inclusive na próxima semana agora, a estar dando uma parada, reelaborando material, pensando sobre formas de incrementar o trabalho. Penso sempre como é que dentro de uma escola, as diversas disciplinas vão trabalhar a questão da Educação Ambiental, a partir daquela horta, muitas vezes torna-se difícil, principalmente se por exemplo, o professor de História afirma que a Educação Ambiental pertence somente à área de Ciências, não se colocando disponível para uma interlocução de conhecimentos. Pode ocorrer que o próprio professor de Ciências não concorde com a proposta, como é que integra? Como é que o professor de matemática e o professor de Português vêem a Educação Ambiental? Outro dia vimos uma experiência incrível numa escola municipal de educação infantil, quando chegamos a professora estava com uma mesa baixinha, com frutas diversas encima da mesa, as crianças comendo as frutas, crianças pequenininhas, e aí ela começando a alfabetizar, a partir das sementes. Contar, as crianças contavam as sementes, depois elas plantavam, todo um trabalho, entendeu? a partir disto mesmo, ela alfabetizava, ela ensinava a criança a contar, dava aula de ciência, assim, super integrado mesmo.

Estamos começando a perceber a importância destas questões, porque a própria forma como a Educação é concebida, cada um cuida do seu pedacinho. Trabalhar com temas transversais e, todos os outros também, a questão do negro, da mulher, é um desafio ainda,

estamos apenas no início. Eu fiz especialização na Faculdade de Saúde Pública da USP, nos primeiros dias falei: “gente, mas isto aqui não tem nada a ver com Educação Ambiental”, pois tudo era muito compartimentalizado, tudo muito separadinho, então esta ligação é um desafio ainda. Como é que você passa isto prá prática, como é que você pensa metodologias que respondam a isto?

Janete: Falando nisto, quais os profissionais que estão envolvidos no Projeto Frutificar?

Nísia: Eu, que sou assistente social, uma educadora em Saúde Pública, a Juçara, o Domingos que é sociólogo. Pelo Depave, que é o pessoal que produz a semente, tem uma bióloga e tem uma engenheira agrônoma. As idéias que temos sobre a Educação Ambiental reclamam o exercício da interdisciplinaridade, envolvendo diversos profissionais nas diferentes áreas do saber, guiados por um objetivo comum, através de diferentes atividades, mas com abertura para aprender sempre mais com os colegas de trabalho e com os usuários.

Este é um dos projetos que eu acompanho. Outra coisa que eu faço é um paralelo com o CEA Guarapiranga, aqui, a gente acaba tendo um pouco uma divisão por conta dos quatro CEAs, e por conta da própria estruturação. Se você for no CEAs Guarapiranga é uma sala minúscula, a equipe é composta por três psicólogas, e uma assistente social, a Amélia que também veio da Saúde, e tinha uma fonoaudióloga. Então a equipe é super pequenininha, a região do Guarapiranga tem uma demanda de trabalho imensa, por conta de ser uma área de manancial, tem ONGs, tem escolas, tem todo mundo solicitando coisa, elas não dão conta. E por conta do projeto que eu desenvolvi de Educação Ambiental na Faculdade, que tive que apresentar no final, culminou muito com a criação do CEA. Eu cheguei aqui e tinha inscrição para o curso e aliás hoje eu tenho clareza, se hoje eu fosse fazer o curso, aproveitaria muito mais, sabe tudo muito novo ? você só recebe, nem discute, nem questiona, é... culminou então, com a minha entrada aqui e a criação do CEA. E vieram duas pessoas de lá que fizeram também o curso de Educação Ambiental. Então a gente elaborou um projeto de Educação Ambiental para o CEA Guarapiranga, juntando as duas coisas. Por conta disto eu fico um pouco lá, vou uma ou duas vezes por semana, tenho ido muito pouco agora, devido à questão distância. Eu colaboro um pouco com o pessoal, acabamos de desenvolver um curso de Educação Ambiental para municípios e funcionários públicos, de 30... 28 horas, no Clube Indico. Mantemos encontros com



educadores ambientais, porque uma coisa que também solicitamos no curso que desenvolvemos é que no final as pessoas elaborem os projetos, pois é uma forma de colocar os conhecimentos em prática.

Os CEAS visam ainda articular um pouco estes projetos na mesma região, permitindo às pessoas virem, tirarem dúvidas, acompanhar, receber outras informações, você pode programar atividade prá responder a necessidade da demanda, desde reciclagem de papel e outras. Quando você faz oficina, você não passa só o método de como fazer o papel. Mas, por que é que eu reciclo? Porquê é importante? Quantas árvores são necessárias para fazer um resma de papel?

E os cursos mais as oficinas, acabam respondendo muitas vezes uma necessidade da demanda. No Guarapiranga é desenvolvido o curso de Educação Ambiental para área de manancial, com este enfoque. Os cursos do Parque do Carmo enfocam muito as questões das APAS, das Áreas de Proteção Ambiental, porque o Parque do Carmo está dentro de uma área de proteção ambiental. Cada CEA tem autonomia no sentido de estar pensando as suas atividades e isto é uma coisa que ajuda bastante. No Guarapiranga uma das coisas que ocorre é a grande demanda da população, trabalhamos muito com escola e tem um início de trabalho com moradores de favela. Um das coisas que percebemos nestes projetos diversos, nestes programas de Educação Ambiental na Faculdade é a existência de diversos trabalhos desarticulados dentro da mesma região. Então nós estamos desenvolvendo um trabalho, tem o S.O.S. Mananciais, tem a S.O.S. Mata Atlântica, tem o Espaço, que é outra ONG, a Fundação Julita e o SENAC que desenvolve outros programas, sentimos então a necessidade de estar articulando todas as iniciativas. Hoje existe uma demanda muito grande das outras Secretarias de introduzir esta discussão ambiental dentro de creche, de Osen, da Saúde, são diversas solicitações, precisa de um planejamento. Como é que você articula um pouco isto, e para este ano conseguimos chamar a Cultura, a Saúde, nós do Verde e a Habitação e priorizamos um trabalho lá no Jd. Souza, que é uma favela, com uma parte já urbanizada e outra parte ainda não, tem ainda um posto de saúde, que é O Mirante do Jd. Souza, cujos assistentes sociais e educadoras apresentaram interesse em estar trabalhando a questão do lixo. Então realizamos um Seminário no primeiro momento, usando um espaço da região, um Centro Comunitário que tem uma creche, um Osen, um grupo de 3.<sup>a</sup> Idade, coordenado pelas assistentes sociais do posto de saúde. O posto tem um trabalho ligado ao Pinotti, ao Hospital Pérola Byington, são 16 agentes de saúde. Para este público foi organizado o 1.<sup>o</sup> Seminário “Educação Ambiental e Saúde”, pois precisavam trabalhar a

questão do lixo dentro da favela. Nesta oportunidade foram discutidos conceitos de Educação Ambiental e as questões de saúde, decorrente dos problemas ambientais que você tem na região. Este trabalho foi feito em parceria com a Saúde, através da médica do posto e outros profissionais. Discutimos a questão do lixo, da água, das condições de moradia dentro da região e depois terminamos com um trabalho com a Casa de Cultura, onde se realizou um teatro com sucata, foi muito interessante.

E a partir disto, iniciamos na região um trabalho educativo, através de alguns grupos, um deles agrega o pessoal da 3.<sup>a</sup> Idade, algumas mulheres, os agentes de saúde que se juntaram lá e que participaram deste Seminário também. Convidamos ainda SURBES, escolas municipais, creches da região. E tem reuniões dos diversos grupos e tem uma mais geral que acompanhamos com subsídios e orientação técnica. Então eu tenho feito um pouco este paralelo com o CEA.

E além disto a gente vai para creche, vai para espaços onde tem demanda, meio que se dividindo dentro da Divisão. A Secretaria é de 1993, pós Eco 92, por uma até... não que o Maluf nem o Pitta acham que é importante discutir as questões ambientais, mas por uma questão mundial mesmo e os problemas de uma cidade como São Paulo. O Projeto Procav introduziu novas questões e a consciência de implicações, canalizar córregos sempre se canalizou, mas pensar nas questões ambientais, é uma exigência do Bird, entendeu?

Janete: Você me falou como são operacionalizados os programas, fez uma reflexão sobre os objetivos. E o que você entende por qualidade de vida?

Nísia: Considero que a questão da qualidade de vida está muito relacionada, na verdade, a todos os âmbitos da vida da pessoa. Deste ter condições de morar a ter acesso a saúde, educação, aos bens e serviços. A você conseguir respirar numa cidade como São Paulo, não ter violência, conseguir sobreviver de forma... a transitar na cidade, ter emprego, acho que tudo isto. Envolve todos os âmbitos, as diversas faces de sua vida. Eu acho que quando você trabalha, pensando na qualidade de vida, trás junto a questão das pessoas conseguirem se sentir cidadãos, se manifestar, participar da vida política, conseguir eleger as pessoas mais adequadas, organizar-se prá mudar muitas vezes as próprias questões que elas vivem.

Janete: E o que você privilegia no teu trabalho em Educação Ambiental ?

Nísia: Uma das coisas, prá mim que trás novas perspectivas é que antes eu trabalhava questões gerais, comunitárias, sociais, relacionadas a mudanças estruturais. Hoje eu penso muito no indivíduo, na importância das pessoas se perceberem, eu acho que para você mudar comportamento, valores você precisa estar... não apenas estar muito bem com você... exigir isto e ter isto como pressuposto é meio complicado, mas é a partir da própria pessoa, ela precisa sentir esta necessidade, ela precisa se auto conhecer. Então, eu acho que trabalhar com Educação Ambiental é muito interessante por isto. Porque quando você tá desenvolvendo um curso, as metodologias que você usa têm que ser bastante participativas, bastante coerentes com o que você está se propondo a passar. Eu acho que trabalhar com as questões ambientais trás múltiplas dimensões quando você pensa do local para o global, né? você trabalha nesta dimensão do individual, do coletivo e até do mais geral mesmo. Você não precisa partir para as questões mais complicadas, pode partir pelo simples mesmo. Que ato que eu estou fazendo, que importância tem este papelzinho que eu joga fora, que vai entupir o córrego, que vai trazer um problema maior? E aí, partindo do concreto e objetivo, não precisa você ficar discutindo a questão da preservação do mico leão, você pensa objetivamente, a partir dali da sua vida mesmo. Então tem algumas coisas que são muito concretas e imediatas. Mesmo nesta fase de sensibilização já podemos ver as pessoas pensando nas questões do lixo, da reciclagem, do cuidado com o ambiente, você percebe que a pessoa compreendeu, sentiu a necessidade de estar mudando seu comportamento, ela não consegue mais jogar papel no chão, se ela jogar o papel na rua, ela volta e recolhe seu lixo. Ela começa a passar isto para os filhos, ela põe o saquinho no carro. Pensando na questão do lixo é gratificante, tem uma coisa bastante imediata. Se você pega pelas questões estruturais, e vai fazer um trabalho educativo numa favela é muito difícil porque existem as limitações do governo, por que joga o lixo no córrego? Porque não tem a rua. Você tem que organizar as pessoas prá ir pedir para fazer a rua, aí depois tem que fazer um trabalho educativo para as pessoas perceberem a importância de não pôr o lixo. Aí, uma briga danada prá conseguir que arborize aquela área para as pessoas não jogarem o lixo e por aí afóra, você se sente meio impotente. Então a gente trabalha muito no individual, a mesma ação, como é que eu individualmente posso estar desenvolvendo isto? Eu posso fazer no âmbito individual, eu posso pensar na minha prática, como vou fazer isto. É um trabalho meio de formiguinha mesmo, sai do individual para este coletivo.

Janete:           Você quer acrescentar mais alguma coisa?

Nisia:            E a equipe aqui, eu tenho uma característica, eu sempre trabalhei muito com equipe multidisciplinar, tem a estagiária de Geografia, de Sociologia, tem sociólogas na equipe, tem vários psicólogos, assistentes sociais. E assim, na verdade, a gente está com esta composição hoje, graças ao PAS que a Secretaria se estruturou, na Prefeitura nunca existiu concurso para esta Secretaria, ela é constituída por profissionais que vieram de fora, aqueles que realmente gostaram foram permanecendo nos CEAs. Hoje você tem dentro da Secretaria um quadro de profissionais muito bons e envolvidos com o que fazem. Bem de militância mesmo. Porque é muito difícil, temos muitas dificuldades para estar desenvolvendo os trabalhos.

Janete:           Obrigada.

## ENTREVISTA COM SOLANGE

Janete: Entrevista com a Solange, da Prefeitura Municipal de Santo André. Qual é o seu nome completo?

Solange: Solange Aparecida Massari, 33 anos, Superior completo em Serviço Social pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, turma 89.

Janete: Você tem curso de pós graduação? Especialização?

Solange: Especialização em Psicopedagogia.

Janete: Algum outro curso que você queira dar como referência, ligado a este trabalho?

Solange: Eu fiz Especialização em Saúde Pública.

Janete: Qual é o seu setor de trabalho?

Solange: Núcleo de Participação Popular, ligado ao Gabinete do Prefeito. Estou lotada lá, mas desenvolvo trabalhos aqui na Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitacional – Departamento de Habitação.

Janete: O teu vínculo originário é o Núcleo de Participação Popular? quando você está prestando serviço aqui o que significa , você foi desviada da função?

Solange: Não, é porque o núcleo dispõe de pessoas em várias secretarias.

Janete: Entendi, é uma característica deste núcleo.

Solange: Como o enfoque desta gestão é a participação popular, então o Núcleo dispõe de profissionais nas secretarias fazendo a ponte da Secretaria com o Núcleo e fomentando a participação popular.

Janete: Há quanto tempo você está nesta função aqui?

Solange: Entrei em 08 de setembro.

Janete: E o tempo de trabalho em Educação Ambiental? Inclusive em outras secretarias?

Solange: Acho que tenho cinco ou seis anos. Eu trabalho em comunidade há doze anos e sempre que a gente trabalha com comunidade você fomenta alguns temas e o meio ambiente faz parte da abordagem.

Janete: E quais são os programas que você desenvolve?

Solange: O Pré-Urb, Favela Limpa e agora o trabalho da máquina de reciclagem. Eu estou com algumas frentes de trabalho aqui, uma delas é o Pré-Urb, que a gente está reestruturando. O Pré-Urb são pequenas obras graduais em alguns núcleos de favela, por exemplo, nós estamos com quatro núcleos: Jd. Cristiane, Espírito Santo, Gregório e São Sebastião.

Janete: Estes núcleos estão ligados a região de maior densidade populacional?

Solange: São favelas que foram contempladas com o orçamento participativo. Não tem como fazer uma urbanização integral, então o Pré-Urb prepara estas favelas para futuramente receber urbanização. Estamos buscando dentro desta reestruturação um plano de trabalho físico e sócio-educativo dos núcleos atendidos pelo Pré-Urb, visando não só a obra em si, mas uma elevação da qualidade de vida desta população. Então temos ações sócio-educativas. E o que são estas ações? Podem ser desde levarmos os órgãos responsáveis pela emissão de documentação dentro da favela e acessar os moradores de uma forma muito rápida a estes serviços, aproveitar o

momento de um simples corte de cabelo das crianças, para desenvolver com as mães palestras sobre higiene do couro cabeludo e outras.

São estratégias que a gente está articulando e também fomentar a coleta seletiva, estamos buscando esta questão e dentro disto entraria outro programa, que eu também estou nele, que é o Programa Favela Limpa. O Favela Limpa é um programa independente do Pré-Urb. Só que o Pré-Urb pode indicar para o Favela Limpa quais são as áreas que necessitam do trabalho. Tem a concepção da participação popular, da mobilização da comunidade, quem faz o mutirão de limpeza são os moradores e a prefeitura entra com o material, com a vacinação, com o caminhão de lixo. Feita a limpeza começamos a fazer um processo de fomentar a manutenção da favela com palestras educativas, sobre o lixo, o rato, doenças, sobre a conservação, orientamos porque que não se pode jogar sujeira no córrego. Uma coisa que nós observamos é que as pessoas da sua janela jogam saquinhos de lixo para o córrego e isto vai estar poluindo o meio ambiente.

Janete: O Programa Favela Limpa tem a ver com os núcleos do Pré-Urb?

Solange: O Programa Favela Limpa é independente, vamos fazer Favela Limpa no Jardim Santa Cristina, lá não vai ter o Pré-Urb, e sim o Favela Limpa no Gregório, São Sebastião e no Jardim Cristiane. Onde o Pré-Urb está e por que? No Jardim Cristiane o córrego está imundo, não tem condições das pessoas viverem daquela forma. Antes de fazer a remoção de dezessete famílias como vai ocorrer, vamos fazer o Favela Limpa lá dentro. Por que ? primeiro vamos fazer o Favela Limpa, em seguida tem a remoção, aí vamos lá de novo e fazemos nova limpeza. E tem a desratização. Só que a desratização é um processo assim: antes de ter a desratização, as pessoas vão receber uma palestra dizendo porque tem rato, que está no acúmulo de lixo.

Janete: Sempre trabalha as causas...

Solange: Sempre trabalhamos as causas, se você joga lixo no córrego, se você joga lixo num pedaço da mata, num terreno, o lixo volta como rato, como barata. Sempre mostrando para a população as causas e a necessidade de se manter áreas preservadas. Não se pode estar destruindo do jeito que a gente vem destruindo o ambiente em que vivemos. E outro trabalho que eu acho super interessante para você conhecer é o trabalho que estamos fazendo no Cata-

Preta, que é um núcleo, com uma máquina de reciclagem de entulho. Esta máquina foi colocada lá na entrada do Cata-Preta. Santo André não tem mais onde desativar os entulhos de construção, então colocamos a máquina no Cata-Preta. A prefeitura recolhe os entulhos, vai para o Craisa, um departamento da prefeitura, lá vai ser separado o entulho e posteriormente este será enviado para aquela comunidade.

O entulho pode ser de material argiloso ou não, é triturado e com cimento ele se torna material para confecção de blocos, tijolo e piso.

É a reciclagem, então você dá a destinação ao entulho, barateia o gasto da comunidade. É uma coisa significativa é que não tem impacto ambiental. Você não está acabando com nada da natureza. Você está reciclando e devolvendo para a Terra. Na utilização da máquina de reciclagem a primeira coisa é a organização da comunidade, então nós trabalhamos com a participação em regime de mutirão. Desde a reciclagem até a pavimentação, a construção em blocos, tudo num sistema de mutirão, até a utilização do material que não se tem destino para dar.

A gente está com a proposta do Cata-Preta, vai colocar este trabalho também na Rua Camões. Vamos fazer a Rua Camões todinha pavimentada com este material.

No Cata-Preta a máquina já está lá. O espaço do chão onde a máquina vai ficar precisamos arrumar. Esta final de semana estará indo cimento para lá pois a prefeitura está dando. O pessoal vai fazer o próprio chão com o entulho reciclado pela máquina que adquirimos. O interessante é trabalhar o tempo todo com a comunidade a questão de sua organização, participação e trabalha noções sobre tratamento do lixo.

Outra atividade que nós queremos desenvolver para 1999 são as oficinas de papel reciclado. Atuar sobre a questão da reciclagem de papel no Cata Preta e tentar montar uma cooperativa de trabalho com eles, é uma discussão que estamos começando a fazer com a comunidade.

Janete: Só para eu ver se ficou claro: o Pré-Urb tem alguns núcleos...

Solange: O Pré-Urb é dividido em 2 Pré-Urb: o Pré-Urb 1 e o Pré-2.

O Pré-Urb 1 são os núcleos onde vamos ficar mais tempo com a comunidade, geralmente um ano, não vão ser uma ou duas obras, mas vão ter mais obras dentro de um único núcleo.



E o Pré-Urb 2 são contatos rápidos com a comunidade, só muro de arrimo, só escadaria, entendeu? Tem esta diferenciação.

Janete: E aí você tem este outro trabalho?

Solange: Tem o Favela Limpa. Quanto à máquina da reciclagem, a primeira coisa é a organização da comunidade, então você já vai trabalhar com isto. com a participação deles, porque você vai trabalhar em regime de mutirão. Desde a reciclagem, até a pavimentação, a construção em blocos, tudo num sistema de mutirão e a utilização do material que você não tem destino para dar. É um material que não dá impacto com o meio ambiente.

Janete: Quais são os programas, tenho a impressão que você respondeu. Quer acrescentar alguma coisa?

Solange: Não

Janete: Quais seriam os objetivos gerais dos Programas de Educação Ambiental?

Solange: Dentro da Secretaria o objetivo geral é a elevação da qualidade de vida e o objetivo específico é a obra em si. Neste sentido não apenas chegar lá, construir a casa e pronto, pois isto traria um corte ao trabalho e o que estamos buscando não tem este corte. Procuramos dar continuidade através do trabalho sócio-educativo com palestras, com ações de prestações de serviços dentro do núcleo e democratizando o trabalho.

É importante colocar que pelo Núcleo de Participação Popular, estou de certa forma integrada ao grupo de mutirões. Estamos buscando aproximar os mutirões da Secretaria de Habitação com os mutirões do Núcleo, dando ao trabalho uma dimensão participativa. Tenho um trabalho ligado ao Núcleo de Participação Popular, é importante estar falando, não posso deixar o núcleo de fora.

Janete: Como são operacionalizados os Programas de Educação Ambiental? O que você utiliza basicamente como recurso ?

Solange: Nosso trabalho é assim, a metodologia dele está fundamentada, vou até ler aqui para você:

“a intervenção consiste na fecundação da teoria-prática e numa articulação de trajetórias e estratégias de ações de diferentes fatores que se entrecruzam numa conjunção de saberes e poderes, configurando a situação de relação entre profissional e usuário” isto é de Vicente Faleiros. E em cima disto a gente trabalha com a realização de ações sócio-educativas através de um sistema de rede local, onde o comando único é o Departamento de Habitação.

Nós estamos trabalhando com as secretarias intersetoriais. O Meio Ambiente está com a gente onde é necessário fazer um trabalho de coleta seletiva de lixo, por exemplo.

São Sebastião tem um trabalho deste, mas está meio esvaziado, então estamos colocando para o pessoal assim: precisamos otimizar a coleta seletiva lá, como? Vamos fazer palestra, passar vídeo, levar a turma para conhecer oficina de reciclar papel ?

Nós vamos buscando metodologia de intervenção mediante a realidade da comunidade. Utiliza-se o saber popular mais que o saber técnico, constroe-se um saber comum. No Gregório vamos fazer o Favela Limpa, depois vamos ver qual ação de meio ambiente que a gente pode de fato fazer, coleta seletiva? reciclagem? É formamos um grupo de discussão sobre a questão de meio ambiente? Isto tem a ver com a realidade, cada núcleo tem a sua particularidade. A diretriz é montar um trabalho de rede, onde as secretarias estão envolvidas. Por exemplo, tem trabalho de coleta seletiva junto com a Coordenação de Roedores e Vetores. Então não dá para falar de lixo sem falar de rato. Então nós vamos como na semana retrasada, fizemos uma palestra sobre lixo, rato e doença, o pessoal da Saúde foi lá, o Controle de Roedores e Vetores fez a desratização, agora tem que fomentar a coleta seletiva de lixo e aí entra o Favela Limpa limpando o córrego.

Neste sentido estamos trabalhando, é uma coisa recente, porque quando entrei já existia o Pré-Urb, mas os técnicos iam ao local, entregavam o material, e realizavam a obra, apenas isto. Com a minha entrada começamos a trabalhar a questão sócio-educativa, em decorrência disto não só a Habitação torna-se responsável pela área, mas também os agentes sociais de participação popular. Estamos nos articulando: dia 24 começa o curso de capacitação profissional em três núcleos de favela: Gregório, Cristiane e São Sebastião, vamos levar o curso de Capacitação Profissional em Construção Civil, e vão estar trabalhando em mutirão. O mutirão

vai ser com qualidade melhor, vamos ter as próprias pessoas da comunidade, que são pedreiros e receberam uma qualificação profissional.

Então assim o trabalho é bem articulado em várias secretarias. E aí você responsabiliza não apenas um departamento, mas a Prefeitura como um todo. E no Cata-Preta a reciclagem de entulho. Neste trabalho desenvolvemos durante vinte dias a questão do conceito, eu tenho uma fita, posso te emprestar, depois você me devolve, pois fazer parte de um acervo. Então na fita você vai ver a máquina, o entulho, o material reciclado, tijolos, blocos e toda uma explicação. Está mal feita, não foi ainda editada, porque vamos filmar a máquina funcionando, depois o pessoal fazendo calçada, filmar as calçadas, depois editar.

Janete: Você me falou que foram trabalhados durante vinte dias...

Solange: O que é esta máquina, quais os benefícios que ela trás, quais os custos que vai abaixar na vida de cada um, benefícios para o meio ambiente, de onde vem este entulho, em seguida tiramos os grupos de trabalho, eles apontaram como queriam trabalhar. Foram montados grupos de dez pessoas, a escala de horário, então todos os grupos trabalham duas horas na máquina.

A própria comunidade trabalha na máquina, eles montaram o grupo indicando o próprio o nome, o grupo compõe-se por atividade, nós orientamos que para cada grupo seria necessário uma coordenação que também trabalha e tem escala. O grupo de 3.<sup>a</sup> feira trabalha das 8:00 às 10:00h na máquina. Depois das 10:00h vão para a construção do piso.

Então é assim: trabalha 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e sábado com acompanhamento nosso, a gente vai estar indo lá, tudo. Esta máquina foi instalada 3.<sup>a</sup> feira agora e pretendemos começar a trabalhar com ela na próxima semana, é super legal, você vai ver na fita...

Janete: Há quanto tempo existem estes três projetos?

Solange: O Pré-Urb é uma atividade do Departamento há muito tempo. Só que esta nova metodologia foi a partir de setembro. O Favela Limpa já acontece há um ano, mas estou reordenando o programa. A reestruturação que estou fazendo, estou chamando de ações pós mutirão de limpeza, constam de visitas ao local após trinta dias, distribuição de panfletos

educativos sobre o lixo, colocação de placas para a manutenção de limpeza, realização de palestra educativa sobre temas diversos, como a importância da higiene e limpeza, saúde pública, direitos da criança e do adolescente e outras, focando principalmente a relação entre as doença e os problemas ambientais.

É fundamental fazer a manutenção pois não adianta você ir lá, organizar a comunidade e fazer a limpeza. Se você fizer isto dali a sessenta dias tá tudo imundo de novo. O Favela Limpa está há um ano e passando por reestruturação que é o pós limpeza.

O trabalho de reciclagem de entulho no Cata Preta tem coisa de um mês que começamos a discutir.

Janete: O que você diria das dificuldades e alguns resultados?

Solange: Dificuldade no atual situação em que a nossa sociedade se encontra é conseguir hoje organizar a comunidade, é o grande desafio porque as pessoas estão muito cansadas, existe o descrédito do poder publico. Acho que isto é o resultado, a gente não fala data com a comunidade, a gente mantém transparência com a comunidade, faz com que a comunidade entenda todos os processos, tudo o que acontece aqui dentro, vamos passando para a comunidade referente aquela área. A comunidade passa a acompanhar o processo da obra, também as questões burocráticas, as dificuldade, porque ainda não chegou a máquina? Por que não começou a fazer a escadaria? Você faz com que ela participe no entendimento das dificuldades técnicas em colocar a obra rapidamente, passa a observar. Por exemplo: a gente já chegou a levar cópia de ofícios encaminhados e só depois de trinta dias que recebemos de volta. Nisto você começa a buscar um respeito novo pela comunidade, algo que estava assim meio complicado. Uma comunidade falou para nós: vamos dar um novo voto de confiança. Então a gente sabe, não pode pisar na bola, estabelece alguns contratos, coisa minha e do Robson, a gente trabalha muito a questão do horário, a questão de quem fala pela prefeitura na área. Qualquer outra pessoa que chegar na área falando que não vai ter obra, fui eu? Foi o Robson? Então não acredite, pode ser alguém que queria prejudicar o trabalho da prefeitura. A gente estabelece uma coisa: se vocês fizerem uma pergunta e eu disser que não sei, eu não sei mesmo. mas na próxima reunião me comprometo a trazer a resposta.

É também muito de um núcleo para outro. Para tentar superar a dificuldade que é esta: organização da comunidade, a falta de predisposição das pessoas para se envolverem nas atividades porque ainda vigora aquela concepção de que a prefeitura tem que fazer, o governo tem que fazer, eu não preciso fazer nada, tenho que receber. A gente reconhece estes problemas e trabalha para fazer com que eles participem do processo.

Janete:           Você vê alguns resultados, algumas conquistas?

Solange:        No Cata-Preta sim, eles montaram um grupo de trabalho. Eles vão fazer o chão e cuidar da instalação e funcionamento da máquina de reciclagem de entulho, eles decidiram a escala de trabalho, a comunidade de fato está querendo usar a máquina e entendendo os motivos para tal. Tivemos muito cuidado, não estamos fazendo este trabalho aqui porque vocês são pobres, porque é favela, vamos usar o resto, não, este trabalho pode ser feito em qualquer lugar, classe média, alta, baixa, por qualquer pessoa, qualquer sociedade que esteja a fim de trabalhar com entulho. No Cata-Preta a tivemos esta resposta imediata. No São Sebastião as pessoas não estavam acreditando na prefeitura, com certas resistências, mas também temos respostas positivas pois eles solicitaram a desratização numa semana, na semana seguinte fizemos palestra com quarenta pessoas presentes e a desratização já aconteceu no dia posterior. E na Gregório tem muito trabalho na organização da comunidade que é muito passiva, muitos só querem receber, mas as respostas vem do número de pessoas que freqüentam as reuniões, todas as 3.<sup>a</sup> feiras temos um contato com eles, a reunião começa as 7:30h . Se der 7:45h e ninguém da comunidade chegar vamos embora e se der 7:45 e ninguém da prefeitura chegar a comunidade vai embora, não é só eles que podem atrasar, nós também podemos.

Então em acho assim que o nosso trabalho nessa nova fase do Pré-Urb vai ter um salto qualitativo muito grande no momento em que começar as obras de fato, porque está se fazendo algumas obras, mas na hora em que a população começar a ter a dimensão deste trabalho e este processo sócio-educativo estiver muito mais enraizado, os resultados serão maiores. Por exemplo, no Cristiane tem uma área que pertence ao Haras, a Favela Haras, que vai ser desocupada porque vai ser construído um parque ecológico. Se fizermos o trabalho sócio educativo com a comunidade, se respeitarem a área verde, tomarem cuidado com o lixo, aprenderem como armazenar os detritos... eu acredito que este parque ecológico vai ter um

respeito muito maior da comunidade. Isto é um trabalho a longo prazo, que terá que ser construído no decorrer do tempo, porque até mesmo esta questão de Educação Ambiental é algo novo que está sendo iniciado. Há algum tempo atrás era difícil o envolvimento do assistente social e hoje o profissional já é solicitado para trabalhar nesta área, por isto é de fundamental importância o compromisso do trabalhador social quanto ao que ele espera dos usuários e como pode contribuir com aquela comunidade. Porque eu vejo assim, se eu tivesse chegando lá e fosse impondo nossos objetivos, já levando todas as coisas prontas, eu não teria condições de trabalhar, mas a forma como o trabalho está sendo levado, eu estou construindo o trabalho junto com a comunidade.

Este plano de trabalho que vou te dar uma cópia eu só elaborei ele, eu entrei aqui no dia 08.09, só comecei a elaborar ele mais ou menos no final de setembro. Só depois que eu comecei a fazer reuniões com a comunidade e fui tirando deles a necessidade, então fui montando um plano encima do que a comunidade ia me falando. O saber profissional está a serviço. Então por exemplo, no Cata-preta, se eu chegasse no Cata Preta, no trabalho da máquina de reciclagem já falando assim, como que ia se dar, eu ia ter uma resistência muito maior. No momento que eles disseram como queriam trabalhar esta máquina fizemos os acertos técnicos, explicando o porque das questões técnicas. Mas a forma como o grupo foi montado, quantas pessoas têm no grupo, tudo partiu deles, então por isto que está funcionando, eles não vêem a hora que esta máquina comece a funcionar, a liderança não sai daqui.

Você vai ver na fita, inclusive até mostramos a fita, ressaltando que no final da reunião, se vocês disserem que não querem a máquina, tudo bem. Foi decisão do grupo levar o trabalho de reciclagem de entulho, é um trabalho pioneiro, vou só te falar, depois se você tiver interesse... Estaremos levando esta máquina para Diadema, mas não via prefeitura. É um núcleo que a gente vai estar pegando lá para trabalhar a questão do mutirão e agente vai implantar esta máquina lá em Diadema... É trabalho mais de militância mesmo que estaremos desenvolvendo lá.

Janete: Algumas concepções e idéias suas sobre Educação Ambiental e qualidade de vida?

Solange: Olha, eu acredito assim, Janete, para você ter uma qualidade de vida, você tem no mínimo saber o que é Educação Ambiental. E pelo que eu observo na comunidade eles não

sabem. A população não sabe, então tudo o que você vai falando para ela... eu sempre brinco com a comunidade assim, olha se você jogar o seu lixo na porta do vizinho, você vai estar trazendo um rato prá sua casa e para a casa do vizinho, porque o rato não sabe de quem é o lixo. E ele vai andar na sua casa, na casa do vizinho. Ele vai lá para baixo, lá para cima e os pezinhos deles vão estar trazendo um monte de doenças que vai afetar toda uma comunidade. Aí o pessoal parece que acorda um pouco. Esta coisa de você pegar o lixo e jogar no meio de uma área verde parece que você está tirando de perto de sua casa. Quando você consegue fazer pedagogicamente eles perceberem que mesmo que eles joguem longe ele volta de alguma forma, eles começam a... não a se policiar, mas pelo menos a refletir sobre a destinação deste lixo e suas condições de vida.

Então eu acredito que para esta questão da Educação Ambiental, você precisa estar levando para a comunidade de forma muito simples, muito pedagógica, muito próxima à realidade deles. Refletir o que é de fato você ter uma qualidade de vida, trabalhar com noções de Educação Ambiental. Porque pela experiência eu vejo assim, se você entrar de fato já na questão da Educação Ambiental, a comunidade não se interessa. No momento que você começa a trabalhar com ela qualidade de vida, o trabalho se desenvolve melhor, porque é meio cultural, as pessoas não estão preocupadas com a questão do meio ambiente, com o córrego, não estão preocupadas se estão acabando com uma mina de água.

Trabalhar a questão da água, mas de que forma é trabalhada? procuramos trabalhar de forma bem didática, bem pedagógica, por exemplo, que tem uma fita de vídeo que é inclusive de Diadema, eles vão mostrando algumas coisas assim, mostram uma família do interior e uma família da cidade, então a família da cidade pega o sofá e joga no rio. A família do interior pega aquele sofá e dá para uma vizinha, entendeu? Esta fita é super pedagógica e vai mostrando realidades de qualidade de vida, enfocando a Educação Ambiental.

Janete: O que você privilegia na tua prática em Educação Ambiental?

Solange: O meu trabalho é dentro da realidade da comunidade, então por exemplo: pode ser que na Gregório os técnicos decidam falar de uma área de preservação ambiental que tem lá, uma área verde, trabalhando a preservação desta área. Pode ser que no São Sebastião seja a questão do córrego, cada área tem uma particularidade. Mas dentro das palestras sócio

educativas, enfocamos o meio ambiente como um todo, porque na realidade você está preservando o planeta Terra, é isto que as pessoas precisam ter um pouco mais de ciência, a questão da água, do lixo, do solo, do verde, do ar. A questão do lixo reciclado, como a solução de reciclar o entulho, você não vai fazer nenhum impacto no meio ambiente. Você pode estar trabalhando as várias facetas do meio ambiente, mas cada área vai ter uma particularidade, entendeu? Até mesmo para que a gente possa continuar o trabalho de respeitar o cidadão, então a gente não tem um trabalho fechado. E também surge muito deles, por exemplo assim, eu fui fazer um levantamento com o pessoal da Gregório, quais os temas que eles gostariam de discutir com a gente, teve uns que pediram câncer, AIDS, e um senhor que pediu para agente discutir com eles urbanização, o que é urbanização? Uma coisa que eu nem imaginava que pudesse surgir, o que é urbanizar? A gente busca muito da realidade deles. No São Sebastião o pessoal está querendo discutir cooperativa de trabalho e associação de moradores. Então vai partindo deles o que de fato eles estão desejando, porque aí você passa a ter uma confiabilidade maior da população, porque você passa a respeitá-los.

Trabalhar juntos, porque também eles acabam se sentindo meio tarefeiros, é um risco dos mutirões, que concebemos como um método pedagógico. É uma construção no dia a dia, da organização daquela comunidade e o exercício dela enquanto cidadão. O mutirão para nós, não é concebido como mão de obra barata que vem suprir uma necessidade da prefeitura, ele é pedagógico. Ainda ontem eu estava conversando sobre trabalho de mutirão, é estreitamente ligado ao estabelecimento de laços da comunidade, à solidariedade entre os parentes, vizinhos, conhecidos. O mutirão é uma forma de união entre as pessoas. Uma coisa que orientamos a comunidade é para que todo mundo participe: o adolescente, o idoso, a mulher, como? Muitas vezes não vai poder pegar no pesado, mas vai poder levar o café para o mutirão, a água. As mulheres derrepente não podem mexer no pesado, mas podem preparar o bolo para as pessoas comerem no final do dia. É uma forma de estreitamento de laços. Não dá para falar sobre a prática, ela está imbuída, está junto com o meio ambiente, junto com a coleta seletiva de lixo, junto com a Educação, junto com a Coordenação de Vetores, mas não dá para dizer como será esta formatação, vai saindo deles...

Janete: Obrigada.



## ENTREVISTA COM MARCOS

Janete: Eu vou dar início a entrevista do Marcos, na Prefeitura Municipal de São Bernardo. Marcos, por gentileza, sue nome completo?

Marcos: Marcos Eduardo Silveira

Janete: Idade?

Marcos: 39 anos de idade.

Janete: Escolaridade ?

Marcos: 3.º grau completo em Serviço Social.

Janete: Onde você fez o curso?

Marcos: Eu fiz na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano.

Janete: Você tem algum outro curso relacionado a este trabalho de Educação Ambiental?

Marcos: Não, não tenho, eu só fiz a faculdade. Eu tenho cursos assim: palestras de meio ambiente, palestras na área de habitação, cursos específicos eu não tenho.

Janete: Esclareça para mim, a posição desta Secretaria, dentro da estrutura da Prefeitura.

Marcos: Bom, eu faço parte da Secretaria da Habitação e Meio Ambiente.

Eu faço parte da Shama 1, com SH, que significa Secretaria da Habitação e Meio Ambiente. Faço parte da Shama 1, que é a parte de urbanização, tem a Shama 2 que é a parte especificamente do Dept.º de Meio Ambiente, tá? Aqui na Habitação eu trabalho com a

coordenação de projetos de urbanização de favelas, principalmente na área de remoção. E atualmente estamos fazendo um projeto que se chama Pró Moradia, que é a remoção de duas favelas daqui de São Bernardo. Uma já foi removida que é o Poney Club, que foi para o Parque Seleta que é o conjunto Habitacional Billings, como foi denominado e o outro, vamos começar fazendo a remoção no Jardim Cláudia, que vai para o conjunto Habitacional Santo Inácio. São áreas de extrema carência social e extrema precariedade ambiental.

A favela Poney Club, por exemplo, estava localizada abaixo da quota da represa, com grandes possibilidades de inundação como já teve em 94. Estava muito próximo, ficava praticamente dentro da represa, tanto quando se furava um pouco mais a terra brotava água preta, suja mesmo. E o Jd. Cláudia também que é uma favela que é localizada bem do lado do córrego, onde ocorrem várias enchentes, não é propício para moradia o projeto. O Pró Moradia é desenvolvido em conjunto com a Caixa Econômica Federal e a Prefeitura de São Bernardo, através da Secretaria de Habitação.

Os objetivos relacionam-se à construção dos prédios, a Prefeitura dá uma parte dos recursos financeiros, a Caixa entra com outra parte destes recursos para a construção de prédios, através de todo um trabalho social dentro da área da favela que vai ser removida. Nós, no Poney Club tivemos uma população de 280 famílias, foram construídas 160 unidades de apartamentos, então ficaram 120 famílias lá que vão ser removidas, num segundo projeto. Eu tive oito estagiárias de Serviço Social, com a minha coordenação na parte social. Fizemos um levantamento sócio-econômico, depois várias reuniões setoriais com a população para explicar o projeto. Inicialmente fizemos reuniões com a comunidade, isto já ocorreu no Poney Club e no Jd. Cláudia. Então o primeiro contato é com a liderança no qual explicamos e negociamos a idéia do projeto. Quando a liderança adere ao projeto, participando desta idéia, podemos divulgar o trabalho para a população, junto com os líderes.

Realizamos inúmeras reuniões setoriais, porque não dá para fazer uma assembléia grande para explicar um plano tão detalhado, fizemos pequenas assembléias, explicando o projeto à população que ficou ciente e nós entramos com o levantamento sócio-econômico na área, o cadastro. Levantamos e congelamos toda a área, salientamos esta necessidade, não construir mais barracos e não ter mais vendas de moradia, a partir do momento que o cadastro foi feito. Em seguida foi feito um acompanhamento social de cada família, eu dividi a favela em quatro setores, cada estagiário assumiu um setor dentro da área da favela e elas trabalharam diretamente

com a comunidade utilizando dinâmicas, palestras, orientando a população sobre a importância da saída deles de lá, com noções de qualidade de vida. Eles perceberam sua situação sub humana, eram barracos praticamente dentro do mangue, do pantanal. Este trabalho de consciência da população, durou um ano, as estagiárias ficaram lá na sensibilização porque houve muitas promessas de retirar esta favela e com a graça de Deus, nesta administração deu certo, a urbanização de favelas é uma das prioridades do prefeito. Então esta é uma preocupação muito grande desta administração, a qualidade de vida de São Bernardo, principalmente com os favelados.

Então daí foi feito este trabalho, as estagiárias continuaram sensibilizando para a necessidade de sair de lá, fazendo vários encaminhamentos sociais, porque a partir do momento que você entra numa favela, você vai vendo um monte de problemas, que não são especificamente da Habitação, porque a pessoa que vai morar numa casa, num apartamento não é um número, é uma pessoa, então existem problemas sérios. Foram feitos vários encaminhamentos, varias intervenções sociais, preocupação de assistência mesmo, de estar acompanhando as famílias, casos de violência contra a mulher, violência com os filhos, droga, gente necessitando de médicos especialistas. Tivemos um caso de internação de tuberculose, de Doença de Chagas e assim em diante.

E o prédio consta de apartamentos, se não me engano, são 47 m<sup>2</sup>, com dois quartos, uma sala boa, uma cozinha, lavanderia. Cada andar tem dois apartamentos, tem um pequeno hall na frente, uma porta de fogo que separa os apartamentos com a escadaria do prédio. Os prédios foram construídos, foi feita a classificação, porque como eram 280 famílias, tem gente que ficou de fora e um dos critérios básicos que nós adotamos pra remover as famílias do Poney Club foi em primeiro lugar, as pessoas que estavam em área realmente de enchente, áreas que traziam bastante perigo, porque o Projeto Pró-Moradia tem uma definição, quer dizer, retirar as pessoas duma área que tem perigo de enchente, de desmoronamento, é uma diretriz da Caixa Econômica Federal. Então, na verdade, o outro critério foi sobre o tempo de moradia, a gente deu preferência às pessoas que já estavam morando há muito mais tempo na favela e foi feita a remoção, mas sempre com a idéia da qualidade de vida relacionada à questão ambiental, totalmente integrado ao Meio Ambiente. Nós nos preocupamos, neste trabalho, Janete, com a questão ambiental propriamente dita.

Janete: Isto chegou a ser discutido com a população?

Marcos: Chegou, não tinha como fugir desta discussão, porque eles estavam morando numa área totalmente abaixo da quota, no nível da represa, praticamente, então não tinha como fugir da discussão ambiental, pelo contrário, a primeira intervenção que nós tivemos no núcleo foi sobre estes problemas... levantamos e questionamos, até foi engraçado, a gente fez um plebiscito, plebiscito não, numa das várias reuniões a gente começava perguntando quem é que tinha problemas de saúde dentro da favela. E eram todos problemas de saúde ligados ao meio ambiente, como problema de pele, problemas de consumo de água poluída e muitos outros...

Os apartamentos são dois por andar, no térreo tem dois, um pouco mais para cima é considerado térreo, depois tem o 1.º, 2.º andar e assim vai embora. Conta com jardim, plantações, árvores, realmente para que eles possam vivenciar o cuidado com o meio ambiente. No meio do prédio tem um gramado, uma área verde e a quadra de futebol de salão e vai ser construído um centro comunitário para esta população. E isto não basta, não ficou só aí. Agora a gente tá fazendo o trabalho do pós-uso. Pós-uso é o seguinte: existe dentro do trabalho de Habitação, o Pré-Urb, a produção da urbanização e o pós-uso, o Pós-Urb, pós urbanização.

Pré-urb significa quando a gente prepara a população, para isto, durante a produção da urbanização, estamos sempre em contato com eles e o Pós-Urb, pois não adianta nada você tirar a família do barraco, se não educar esta família como morar dentro do apartamento. Então foram feitas várias palestras com esta população mostrando como se vive dentro do apartamento, sabendo que existe, que é um condomínio, que existe gente embaixo, em cima, do lado, e que você tem que respeitar. A questão do som alto, brigas, discussões, tem horário para tudo, horário para que se faça silêncio. Eu tenho colocado para o pessoal o seguinte: o resgate da cidadania de vocês, tem que ter a contrapartida que é esta: vocês têm que colaborar, têm que ser reeducados a morar novamente dentro de um bairro. Morar dentro de uma favela, tem uma dinâmica mais solta, o conjunto habitacional não. Está dando certo porque eles começaram a perceber a importância, eles começaram a falar: “eu não sou mais favelado, eu sou um cidadão, eu tenho endereço onde o correio me encontra, né?” Então isto facilita bastante, foram feitos vários ciclos de palestras, entramos na questão do condomínio, porque tem que pagar o condomínio, foi feita eleição da escolha dos síndicos e subsíndicos de cada prédio, porque são quatro conjuntos de prédios, e assim o trabalho está indo.

E no do Jd. Cláudia que também é do Pró Moradia eu estou com um número menor de estagiárias, quatro estudantes estagiárias fazendo este trabalho, mais a Cida, que é terceirizada . O único assistente social da Shama, da Habitação, sou eu e a minha chefe a Márcia Hatt, que é assistente social, mas não atua como assistente social, e sim na chefia. Fizemos as reuniões com as lideranças, depois com a população em setoriais, dividimos o Cláudia em setores. As estagiárias estão em fase de levantamento sócio-econômico, das fichas. Neste ínterim trabalhamos a sensibilização, realmente da necessidade de retirar a população da área de enchente porque o Cláudia é uma área com esta característica.

Janete: Quantas famílias?

Marcos: São 480 famílias para 240 apartamentos. Você pode até fazer a pergunta: O que aconteceu? Porque a prefeitura não faz a quantidade exata de apartamento para todos?

Acontece que este projeto quando foi feito aceito pela CEF, quando foi feita a documentação, os trâmites normais, foi solicitado na época o congelamento da área, mas você sabe infelizmente... quando sabe que uma área vai ser mexida acontece as invasões, foi crescendo, crescendo. Por isto o critério é o tempo de moradia, porque aí você garante os que já estavam lá. É porque este projeto não veio da noite para o dia, houve muita demora, não foi nem nesta administração que ocorreu, foi na administração passada. Então a favela aumentou, basicamente dobrou e no contrato com a CEF foram estipulados 240 apartamentos e o Cláudia infelizmente aumentou.

No Cláudia existe a área do córrego em si, é o que a gente vai mexer, uma outra área, um pouco mais alta, um platô, o Secretário está com a idéia de ou urbanizar na própria área ou fazer um outro conjunto habitacional para o pessoal, o que difere do Poney Club, que tem que sair, não tem como urbanizar nada, tem que sair mesmo. As 120 famílias remanescente do Poney Club vão para outra unidade habitacional que a prefeitura está encaminhando, só restam agora formalidades mais específicas para fechar as negociações.

Não é só o Poney, tem outras favelas que o Secretário tem a preocupação de remoção, de urbanização. Não são só estes dois projetos. O que mais tem aqui é trabalho.

Janete: Marcos, como ocorreram as preocupações com a Educação Ambiental, na sua trajetória?

Marcos: A minha trajetória é o seguinte: eu sou funcionário da prefeitura há 15 anos eu me formei em 1987, estou com 11 anos de profissão como assistente social. Antigamente quando se referia a Habitação dentro de São Bernardo era juntamente com a Promoção Social, era na mesma secretaria. Então quando eu entrei na Prefeitura, já entrei na Promoção Social, já trabalhava como agente comunitário.

Naquela época, quando a Promoção Social tocava o trabalho de Habitação, remoção e urbanização, nós removemos várias favelas, mas na época não tinha esta preocupação com a questão ambiental que foi surgindo há pouco tempo, a partir de novos conhecimentos, de mobilização das ONGs, da legislação e da realidade dos estragos que a urbanização desenfreada vem fazendo.

Janete: Quais são os objetivos básicos dos programas desta Secretaria?

Marcos: Os objetivos basicamente são dois: o resgate da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da população. É um lema da própria administração: São Bernardo melhor, uma cidade melhor. É um desafio muito grande para nós tirar a população das áreas de mananciais, mas isto é importante para suas condições de vida e para o meio ambiente como um todo. São Bernardo foi uma das cidades pioneiras, em nível de estado, acredito que até do Brasil, de estar tirando a favela da área de mananciais.

Então, o objetivo essencial é este mesmo: é a qualidade de vida da população, o resgate da cidadania.

Janete: Estes dois projetos que você está envolvido existem há quanto tempo? Você já respondeu, mas eu não consigo identificar.

Marcos: Estes dois projetos já ocorrem desde a administração passada, foi quando foi feito o convênio com a CEF. Mas efetivamente, na questão da execução do projeto, é agora, nesta administração, então tem dois anos.

Janete: Quais são os profissionais que estão envolvidos?

Marcos: Eu sou o coordenador da área social. Tem a Claudete Munhoz, que você entrou em contato, ela não é assistente social, está fazendo a Faculdade de Serviço Social e também é coordenadora dos projetos sociais, mais no âmbito político. E tem a chefe geral que é a Márcia Hatt, o Diretor e o Secretário.

Janete: Basicamente o profissional é o assistente social.?

Marcos: Basicamente o profissional destes trabalhos é o assistente social. As estagiárias estão na minha subordinação direta, indiretamente é com a Márcia, chefe da Seção.

Janete: Em se tratando de programas habitacionais dentro da linha de Educação Ambiental, existem outros profissionais envolvidos com o trabalho?

Marcos: Sim, eu estou falando da parte social, da parte física tem os arquitetos, lotados na Seção de Organização, os engenheiros civis.

Janete: O que você diria que são as dificuldades e os resultados já alcançados?

Marcos: Dificuldade eu diria que são os recursos humanos, eu acho que deveria ter mais gente, o que é uma dificuldade. Resultados basicamente eu vou te dar um exemplo, eu gosto de usar muito exemplo para poder explicar. Quando eu estava fazendo a remoção do Poney Club, uma criança se aproximou de mim, doze anos de idade, estudante, fazia a 5.<sup>a</sup> série, se não me engano e disse: “O tio, eu estou tão contente de morar nos apartamentos”. “Eu disse : “Por que ?” É porque hoje eu posso levar as minhas amiguinhas em casa para fazer o trabalho de escola. E antes eu não podia”.

Você quer melhor resultado que isto? Não existe melhor resultado do que aquele vindo da boca de uma criança. Ela saiu daquela vida sub humana, daquela vida que eles estavam vivendo nas piores condições possíveis e derrepente hoje, ela, uma criança de 12 anos conseguiu ver, visualizar outro padrão, puxa, eu estou morando num apartamento numa coisa que é limpa. Aí eu vi o resultado do meu trabalho , o que compensou a qualquer dificuldade.

Não é só isto, outra situação que ocorreu é que inicialmente teve gente que não quis ir para os apartamentos, mas quando viu que a coisa era séria, que o povo que estava indo, estava gostando, teve um cara que até veio chorar, um homem já formado, chorou na minha frente pedindo que por favor que eu pudesse ajudá-lo, mas neste momento já não havia nada mais a fazer. É gratificante também quando você percebe as pessoas mais sensibilizadas para a preservação ambiental, cuidando do seu lixo, das plantas, e educando seus filhos.

Estes são os resultados positivos, não procuro ver... eu praticamente sou um técnico, eu sou um político sim, da área habitacional, dos objetivos habitacionais do município, mas não político partidário, nada disso. Não tenho pretensões políticas dentro do município, tenho pretensões de trabalho e continuar fazendo o que eu gosto de fazer que é trabalhar com o povo, dentro de qualquer administração. A parte técnica, o valor técnico do trabalho, então este valor a gente vive, ver o sorriso do povo, a satisfação, outro exemplo que eu fiquei bastante emocionado, uma moça me falou: “eu tenho costume de ir ao supermercado, é claro, mas sempre tive dificuldade de pegar a peruca, pegar o carrinho e falar: Olha, eu moro na Favela do Poney Club, no Alvarenga”, que é um lugar longe do centro. Ela ouvia muito não, ou então quando ela pegava um táxi, o que era muito mais caro, parava na esquina, não descia até a favela, tinha que carregar as compras, ela se sentia muito mal. Depois que ela mudou pra lá, ela pegou o mesmo perueiro e ele falou: “pra lá eu não vou”, “Não, eu estou morando no Jd. Seleta”. Ela desceu da Kombi assim, toda satisfeita, porque ela pensou “sei que o cara não vai chiar porque estou morando num bairro”. São estas pequenas coisas que eu dou valor.

Aqui na Habitação não tinha assistente social, começou a ter agora nesta administração, e nós estamos cada vez mais nos articulando para atuar com os princípios da Educação Ambiental.

Janete: Como você vê a Educação Ambiental e o que você pensa sobre qualidade de vida, a partir destas tuas intervenções?

Marcos: Não sei se vou responder a tua pergunta, mas o que eu considero, acho que cai de novo naquilo que eu falei, você trabalhar para que a pessoa possa resgatar sua qualidade de vida é muito gratificante, ela se conscientiza sobre os cuidados com o meio, o seu entorno e passa a valorizar mais tudo isto.



Janete: E neste seu trabalho na Habitação e que está relacionado a este enfoque de meio ambiente, o que você considera que é mais importante nas suas intervenções?

Marcos: Nas minhas intervenções em meio ambiente eu coloco o seguinte: no sentido realmente da Educação Ambiental, não é só levar um apartamento, que significa que a pessoa já vai crescer e ter a consciência da necessidade da preservação ambiental. Eu acho que por exemplo dentro da favela não existe coleta de lixo, pela própria dificuldade de acesso ao caminhão de lixo, então, às vezes a pessoa jogava o lixo fora em qualquer lugar. O que eu considero na questão de Educação Ambiental, principalmente no pós uso é mostrar para a pessoa que agora ela mora num bairro, que existe uma coleta. O nosso Departamento de Meio Ambiente instalou perto dos prédios, nestes conjuntos, lixeiras de coleta seletiva, foi colocado onde a população possa estar fazendo a seleção, ela mesmo jogando. Então eu acredito na mudança de percepção da pessoa até no simples fato de jogar o papel na rua, no conjunto, ou fora do prédio. A Educação Ambiental que eu vejo é mais neste sentido, eu acho que a população tem que se conscientizar, a gente procura fazer este trabalho, a preocupação da preservação da área verde do prédio, que faz parte da área ambiental de todo o bairro. É basicamente isto. É um trabalho constante, não é uma coisa que se faz da noite para o dia. E é difícil porque é um trabalho de formiguinha, às vezes é cansativo porque às vezes você fala duas, três, quatro, mil vezes para a mesma pessoa, mas você tem que investir, se você desanimar, se você não acredita as coisas param.

Janete: Obrigada.